

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

UNIDADE ACADÊMICA DE TRÊS RIOS

**Evolução da Produção e Exportação da Soja Brasileira: uma análise
do período de 2002 a 2010.**

Antonio Fabiano Moreira de Souza

**Três Rios, RJ.
2011**



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

UNIDADE ACADÊMICA DE TRÊS RIOS

**Evolução da Produção e Exportação da Soja Brasileira: uma análise
do período de 2002 a 2010.**

ANTONIO FABIANO MOREIRA DE SOUZA

Sob a Orientação da Professora
Maria Isabel Busato

Monografia submetida como
requisito parcial para obtenção do
grau de **Bacharel** no curso de
Ciências Econômicas da UFRRJ,
Unidade Acadêmica de Três Rios.

Três Rios, RJ
2011

Antonio Fabiano Moreira de Souza

**Evolução da Produção e Exportação da Soja Brasileira: uma análise do período
de 2002 a 2010.**

Data da apresentação: ____/____/____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

Profa: Mestra Maria Isabel Busato (Orientadora) - UFRRJ

Prof: Dr. Theófilo Henrique P. de Paula - UFRRJ

Prof: Dr. Roberto Salvador Santolin - UFRRJ.

*Para minha mãe Ivaneide, quem muito me educou,
meu padrasto Carlos e meus irmãos Adriano e
Cristiano, família sem a qual nunca teria tido o
ímpeto do estudo.*

*Para os professores que acreditaram em si e com
sua sabedoria ajudaram a consolidação da minha
formação acadêmica.*

*Em especial a todas as pessoas que acreditaram na
implantação dessa unidade acadêmica em Três Rios,
pois hoje sou um fruto dessa semente.*

Agradeço a Deus que me escolheu, a minha orientadora que me capacitou e preparou. A minha esposa que com seu equilíbrio e ternura, se tornou um divisor de águas em minha vida.

“Guardai-vos escrupulosamente de toda avareza, porque a vida de um homem, ainda que ele esteja na abundância, não depende de suas riquezas”.

Lucas 12,15

RESUMO

No cenário mundial e nacional, a sojicultura está entre as atividades produtivas mais expressivas economicamente, principalmente nas últimas décadas. Diante disso e partindo da avaliação de fatores que circundam a produção da oleaginosa no mundo e no Brasil, este estudo vem com intuito de apresentar a evolução da oferta e demanda dos produtos do complexo soja, dando ênfase para o produto da carteira de soja *in natura*, o tipo soja em grão ou mesmo triturada.

Através de análises e discussões, veremos as significativas mudanças quanto à produção e exportação mundial e brasileira de soja. Para se atingir o propósito desta monografia, buscou-se estudar o crescimento na produção e exportação brasileira, tentando destacar alguns de seus condicionantes bem como evidenciando o quanto é importante o cultivo e manejo desta cultura para o cenário nacional.

O Brasil ocupa lugar de destaque mundial nas exportações de todo o complexo de soja, principalmente a soja em grãos, se tornando a cultura com a maior área plantada.

A metodologia utilizada no trabalho é a análise de dados secundários através de tabelas e gráficos construídos ou dispersos na literatura.

O presente trabalho compõe-se de três capítulos, fora a introdução e conclusão. No primeiro capítulo é trabalhado um breve histórico do mercado de soja brasileiro, relatando desde sua introdução até o início do novo século, para termos uma base melhor e trabalhar os dados do período estudado entre 2002 a 2010. No segundo capítulo veremos a evolução mundial do mercado de soja e, por fim, veremos a evolução da participação brasileira no mercado de soja no capítulo 3.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
	OBJETIVOS, JUSTIFICATIVA e MÉTODO.....	14
1	UM BREVE HISTÓRICO DO MERCADO DE SOJA BRASILEIRO.....	15
	1.1 INTRODUÇÃO DA SOJA NO BRASIL.....	15
	1.2 CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO DE SOJA POR REGIÕES....	17
	1.3 INCENTIVOS FISCAIS.....	22
2	EVOLUÇÃO MUNDIAL DO MERCADO DE SOJA (2002-2010).....	25
	2.1 COMPLEXO SOJA.....	25
	2.2 SOJA EM GRÃOS, MESMO TRITURADA.....	28
3	PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE SOJA EM GRÃOS: Uma Análise dos Condicionantes Macroeconômicos (2002-2010).....	36
	3.1 EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO E DA PRODUTIVIDADE.....	36
	3.2 EVOLUÇÃO DA EXPORTAÇÃO.....	39
	3.3 EFEITOS CAMBIAIS E O CRESCIMENTO DA RENDA MUNDIAL.....	42
	CONCLUSÃO.....	48
	BIBLIOGRAFIA.....	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Participação por Regiões na Produção Brasileira de Soja.

Tabela 02: Produção, Exportações e Estoque do Complexo Soja: Grãos, Farelo e Óleo Mundo - Volume (milhões de toneladas).

Tabela 03: Produção, Exportações e Estoque de Soja em Grãos (mesmo triturada) Mundo - Volume (milhões de toneladas).

Tabela 04: Cinco Maiores Exportadores de Soja em Grãos - Volume (milhões de toneladas).

Tabela 05: Cinco Maiores Produtores de Soja em Grãos - Volume (milhões de toneladas).

Tabela 06: Área Colhida, Produção e Rendimento Médio de Soja em Grãos – Brasil.

Tabela 07: Exportações Totais do complexo de Soja e de Soja em Grãos – Brasil.

Tabela 08: Participação da Soja em Grãos na Pauta das Exportações Brasileiras.

Tabela 09: Exportações da Soja em Grãos (mesmo triturada) – Brasil.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Evolução da Produção de Soja no Brasil.

Gráfico 02: Evolução da Produção de Soja em Regiões do Brasil 1970 a 2002.

Gráfico 03: Evolução da Produção e Exportação do Complexo Soja: Grãos, Farelo e Óleo - Mundo (2002/03 a 2010/11).

Gráfico 04: Evolução das Exportações do Complexo Soja: Grãos, Farelo e Óleo Mundo (2002/03 a 2010/11).

Gráfico 05: Produção, Exportações e Estoque da Soja em Grãos (mesmo triturada) Mundo (2002/03 a 2010/11).

Gráfico 06: Cinco Maiores Produtores Mundiais de Soja em Grãos.

Gráfico 07: Cinco Maiores Exportadores de Soja em Grãos - Volume (milhões de toneladas).

Gráfico 08: Cinco Maiores Importadores de Soja em Grãos - Volume (milhões de toneladas).

Gráfico 09: Exportações Totais do Complexo Soja e de Soja em Grãos (mesmo Triturada) Brasil.

Gráfico 10: Evolução da Soja em Grãos Comparada a Taxa de Câmbio.

Gráfico 11: Evolução Soja em Grãos (mesmo triturada) x Importação China.

Gráfico 12: Evolução Exportações Brasileiras de Soja em Grãos x Importação China x PIB Mundial.

Gráfico 13: Participação das Exportações do Complexo Soja: Grãos, Óleo/Farelo. Brasil (2002 a 2010).

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Grão de Soja

Figura 02: Distribuição espacial da área de produção da soja no Brasil.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIOVE - Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento

CPR – Cédula do Produto Rural

FMI – Fundo Monetário Internacional

HA – Hectare

IBGE – Instituto Brasileiro

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

KG – Quilo

MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

ORTN – Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional

PAC – Política Agrícola Comum

SECOM – Secretaria de Estado de Comunicação Social

SRB – Sociedade Rural Brasileira

USDA – United States Department of Agriculture

INTRODUÇÃO

A agricultura sempre desempenhou papel de extrema importância no desenvolvimento da economia brasileira, sendo um dos setores responsáveis pela obtenção de receitas cambiais necessárias para a importação de máquinas e equipamentos e demais bens. Ao longo do século XX, vários segmentos do setor agrícola apresentaram destaque neste processo, dentre eles o Café, o Açúcar e a Soja.

Dentre estas culturas, a soja, neste início de século XXI, tem apresentado um papel importante na geração de divisas, uma vez que tem se tornado uma dos principais produtos da pauta de exportação brasileira. A cultura da soja, que hoje se encontra cultivada pelo mundo afora, inclusive no Brasil, é muito diferente das plantas rasteiras que se desenvolviam na costa leste da Ásia, mas notadamente na China onde obteve uma grande evolução com o aprimoramento das técnicas de cultivo e manejo da soja através de um grupo de cientistas da antiga Civilização Chinesa.

Foi só a partir da década de 50 que o cultivo de soja passa a ter importância no mercado internacional. Essa importância foi fruto da utilização desse grão na fabricação de rações e óleos comestíveis em virtude das vantagens técnicas (leguminosa, sucedendo forrageira) e econômicas (valor agregado maior, melhor aproveitamento das terras, das máquinas, da mão de obra). Foi a partir daí que a soja brasileira apareceu na pauta de Exportação do país.

O plantio da Oleaginosa alcançara altas taxas de crescimento nos anos seguintes, mas apesar do significativo crescimento da produção no correr dos anos 60, foi na década de 1970 que a soja se consolidou como uma das principais culturas do agronegócio brasileiro, passando de 1,5 milhões de toneladas em 1970, para mais de 7 milhões de toneladas em 1979. Nas décadas seguintes de 1980 e 1990, verificou-se um explosivo crescimento a produção da soja no país, bem como da exportação deste produto.

Na década de 2000, o complexo agroindustrial brasileiro que desde os anos 70 teve sua importância na pauta de exportações do país, ganhou ainda maior espaço na pauta de exportação brasileira, em especial a soja em grãos. Quais teriam sido as

variáveis macroeconômicas que influenciaram a dinâmica das exportações brasileiras de soja em grãos? O câmbio? O crescimento da renda mundial?

A cada ano, novos recordes de exportação da soja em grãos brasileira são quebrados. Será que essa tendência favorável às exportações para os próximos anos irá continuar?

Objetivos, justificativas e método.

Diante do acima exposto, o estudo tem o intuito de mostrar a evolução recente da produção e exportação de soja no Brasil. Destacando a importância do cenário internacional para o recente desempenho das exportações brasileiras de soja no período entre 2002-2010.

Mais especificamente, a presente monografia pretende analisar os impactos macroeconômicos (câmbio e renda mundial) na evolução das exportações brasileiras de soja, destacando a participação brasileira nas exportações mundiais de soja a evolução da produção brasileira de soja em relação à produção mundial.

Este trabalho se justifica tanto pela importância que a soja assume, notadamente a partir dos anos 2000, na pauta de exportações brasileiras, gerando divisas que permitem financiar as importações e reduzir a vulnerabilidade externa, como pelas possíveis perspectivas de geração de externalidades dinâmicas positivas em toda economia. Além disso, esse estudo se justifica pela relativa carência de estudos que articulem a questão da evolução do setor da soja brasileira com os condicionantes macroeconômicos.

A abordagem aqui adotada está centrada numa análise exploratória com descrição e análises dos dados, utilizando dados e informações de natureza secundária, coletados em trabalhos acadêmicos, em periódicos, em documentos e em bancos de dados de órgãos oficiais nacionais e internacionais. As duas principais variáveis analisadas a fim de indicar o desempenho da atividade produtiva foram a produção e a exportação.

CAPÍTULO 1

MERCADO DE SOJA BRASILEIRO

Um breve histórico do mercado de soja no Brasil

O objetivo deste capítulo é realizar um breve histórico do mercado de soja no Brasil. Para tanto, faz-se necessário: i) apresentar de forma simplificada o processo de introdução da soja no Brasil (seção 1.1); ii) descrever as características gerais do cultivo de soja no Brasil, mais especificamente entre 1970 e 2002, destacando ainda as diferenças das regiões conhecidas como sojicultoras (seção 1.2); e iii) apresentar alguns elementos dos incentivos fiscais destinados a cultura da soja (seção 1.3).

1.1 Introdução da Soja no Brasil

Foi através da Escola de Agronomia da Bahia, com o professor Gustavo Dutra no ano de 1882, que se iniciaram os estudos de cultivares de soja em território nacional. Na década seguinte, mas precisamente no ano de 1891, foram realizados testes de cultivares semelhantes aos conduzidos por Dutra, na Bahia, no Instituto Agrônomo de Campinas (SP).

A soja do Brasil fora inicialmente estudada como uma cultura forrageira, mesmo produzindo grãos para consumo de animais da propriedade, do que como planta produtora de grãos para a pesada indústria de farelos e óleos vegetais.

Entre 1900 e 1901, o Instituto Agrônomo de Campinas promoveu a primeira distribuição de sementes de soja para produtores paulistas. Nesta mesma época têm-se indícios do primeiro cultivo de soja no Rio Grande do Sul, onde esta cultura encontrara efetivas condições para seu desenvolvimento dadas às condições climáticas predominantes no extremo sul do país (EMBRAPA, 2000).

Foi somente a partir dos anos 40 que este tipo de cultura passou a adquirir importância efetivamente econômica, recebendo seu primeiro registro estatístico

nacional em 1941, no Anuário Agrícola do RS, com uma área estimada de 640 hectares, uma produção de 450 toneladas e um rendimento de 700 Kg/ha.

Nesta mesma data instalou-se no Brasil a primeira indústria processadora de soja em Santa Rosa (RS). Foi somente ao final da década de 40, com uma produção de 25.000 toneladas, que o Brasil figurou pela primeira vez como produtor de soja nas estatísticas internacionais (EMBRAPA, 2000).

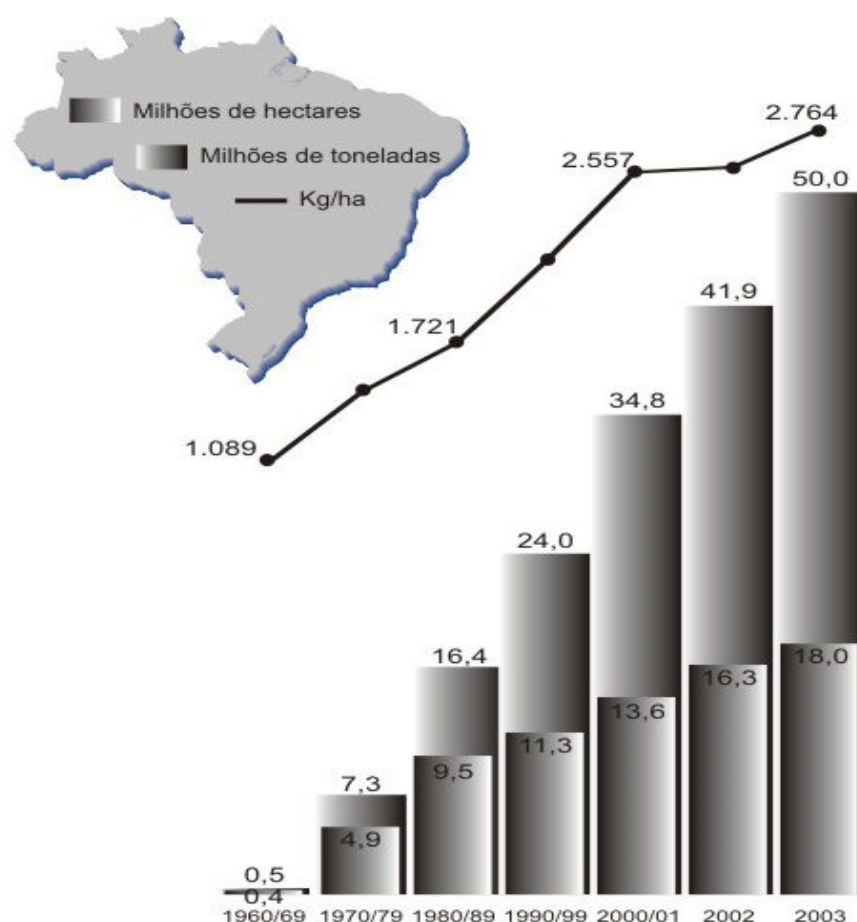
Mas somente a partir da década de 60, impulsionada por políticas de subsídio ao trigo, que a soja cultivada no Brasil se estabelece como uma cultura economicamente importante. Com o grande salto na sua produção desde o início dessa década, registrou-se uma produção de mais de um milhão de toneladas em 1959, com uma predominância desse volume faturado produzido na região sul do país chegando a quase 98% do total produzido. Durante a década de 60, a soja era o melhor cultivo para o manejo da terra após o trigo cultivado no inverno.

Apesar da produção de soja ter um crescimento de forma significativa no decorrer dos anos 60, foi somente na década seguinte, que a soja se consolidou como a principal cultura do agronegócio brasileiro. Multiplicando sua alta produção para mais de sete milhões de toneladas ao final dos anos 70. Este salto na produção se deveu não apenas ao aumento da área cultivada, mas também ao expressivo incremento da produtividade, em custas dos altos investimentos de acesso às novas tecnologias que foram disponibilizadas para os produtores. Durante a década de 80, o que se viu foram números ainda mais expressivos, chegando a dobrar em relação à década anterior.

A soja desempenhou também importante papel na expansão da fronteira agrícola do Brasil. Apesar da soja ser um *tradable low tech*, a tecnologia de produção e o desenvolvimento técnico do produto (como os transgênicos, por exemplo) acaba transbordando para os demais setores agrícolas. O argumento básico foi expresso por Gala (2006), quando o autor argumenta que o aumento das exportações gera externalidades dinâmicas positivas em toda a economia.

A década de 90 se destacou pelas suas altas taxas de crescimento em produtividade, pois o acréscimo da área cultivada situou-se próximo dos 20% durante toda década, enquanto a produção em milhões de toneladas apresentou uma surpreendente taxa de 46% no mesmo período, alavancando desta forma a nossa produção, e melhorando nossa produtividade em kg/ha na produção da soja nacional.

Gráfico 01 – Evolução da Produção de Soja no Brasil



Fonte: (EMBRAPA, 2000)

A produção de soja brasileira continuou na década seguinte com elevadas taxas de crescimento, e a partir de 2004, a produção nacional de soja apresentou grandes acréscimos em relação à safra anterior, assim o Brasil assegurou o posto de segundo maior produtor mundial de soja, sendo responsável por quase $\frac{1}{4}$ do total da produção mundial. Em termos nacionais, cerca de 30% do valor de toda a produção agrícola derivou da soja, que é hoje a cultura com a maior área plantada.

1.2 Características da produção de soja por região no Brasil

O cultivo de soja no Brasil vem evoluindo de forma diferenciada entre regiões. Podem-se destacar quatro grandes regiões destinadas ao cultivo de soja, a saber:

- 1) A região sojicultora tradicional, que se compõe dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e São Paulo;

2) A região de cerrados, composta pelos estados da região Centro-Oeste e Minas Gerais, onde o cultivo da soja obteve um grande crescimento a partir da década de 1970, e que ao final do século XX ultrapassou a região tradicional de sojicultura em relação ao volume produzido no Brasil;

3) A região composta pelas áreas do cerrado do maranhão e Bahia, onde o cultivo de soja tem se expandido fortemente a partir da década de 1990; e

4) A região Norte, onde a sojicultura vem em uma crescente principalmente nos estados do Tocantins e Rondônia e em menor escala no Pará e no Amazonas desde 1998.

Esta caracterização regional parte do final dos anos 60, onde a produção de soja teve um crescimento extraordinário, alterando sua importância nos cenários nacional e internacional, - com exceção das safras 1977/78 e 1978/79, nas quais as condições climáticas foram extremamente adversas - a produção de soja aumentou de forma significativa e com altas taxas de crescimento entre o período de 1970 e 1980.

A década de 70 foi marcada por crescimento extraordinário da produção de soja, impulsionando a participação do Brasil no cenário internacional.

O objetivo do governo federal era incentivar a produção nacional de bens exportáveis e com maior valor agregado, onde as culturas que podiam ser internamente processadas e tinham grandes demandas externas foram beneficiadas pela política agrícola vigente na época.

Havia um ótimo sistema de créditos para os produtores com taxas negativas de juros reais apoiando as culturas de exportação.

A soja logo se transformou em uma das culturas essenciais nesse cenário, onde a demanda mundial vinha em uma crescente considerável e o grão de soja podia ser transformado industrialmente em óleo e farelo (BERTRAND, *et al*, 1987, p. 94-95).

A maior parte da expansão da produção de soja durante toda década de 70, estava fortemente vinculada ao aumento da área cultivada, não ao aumento de produtividade, com uma taxa média anual de crescimento nunca visto antes. Este significativo desempenho da produção veio através do resultado do crescimento da produção da soja na região Tradicional de cultivo.

A expansão da produção de soja para a região dos cerrados brasileiros que colaborou fortemente no desenvolvimento regional do Centro-Oeste, de certa forma gerou sustentabilidade para as regiões desenvolvidas do país.

Segundo Roessing e Guedes (1993, p.29),

“um reforço à integração da região dos cerrados e à criação de uma infraestrutura para o desenvolvimento da agropecuária regional surgiu em 1971 com o decreto de criação do Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Prodeste), integrado no 1º Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (1972/74)”.

A esfera Federal realizou programas e projetos de desenvolvimento das atividades agropecuárias, apoiados com recursos oriundos de crédito rural e integrados com a realização de pesquisa e experimentação agropecuária através de institutos sediados em estados de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Distrito Federal.

Com a criação do Polcentro, em 1975 o desenvolvimento dos cerrados ganhou um novo estímulo para o desenvolvimento das lavouras. Esse Programa de Desenvolvimento dos Cerrados tinha como principal instrumento de incentivo o crédito rural, objetivava “o desenvolvimento e a modernização das atividades agropecuárias na região Centro-Oeste e do oeste do estado de Minas Gerais” (MUELLER, 1990, p.53).

Um conjunto de fatores levou os grandes produtores de soja a se instalarem na região dos Cerrados. Primeiramente dentre seus aspectos físicos o relevo se destaca, pois a maior parte da região é denominada por planaltos, que se apresentam sob a forma de chapadas, como a chapada dos Guimarães e a chapada dos Parecis, entre outras. A principal planície brasileira se encontra no Centro-oeste: a planície do Pantanal mato-grossense, banhada pelo rio Paraguai. No verão, devido às chuvas, as águas do rio sobem, inundando essa planície e formando muitas lagoas.

Outro aspecto importante é a hidrografia, pois a maior parte da região é banhada pelos rios formadores das bacias do Paraná, Paraguai e Tocantins-Araguaia. A porção norte da região centro-oeste é banhada pelos rios da bacia Amazônica (Xingu, Teles e Pires). O seu clima predominante é o tropical, com uma estação seca (inverno) e outra chuvosa (verão).

O aspecto de o clima ser bastante favorável para o seu desenvolvimento, busca de terras mais baratas e o interesse em explorar economias de escala. Assim podemos observar na tabela 01, a região Centro-Oeste e MG sendo responsável por apenas 14% da produção de soja nacional logo no início dos anos 80, e ao final de 2002 um expressivo percentual de 53%.

Tabela 01 – Participação por Regiões na Produção Brasileira de Soja

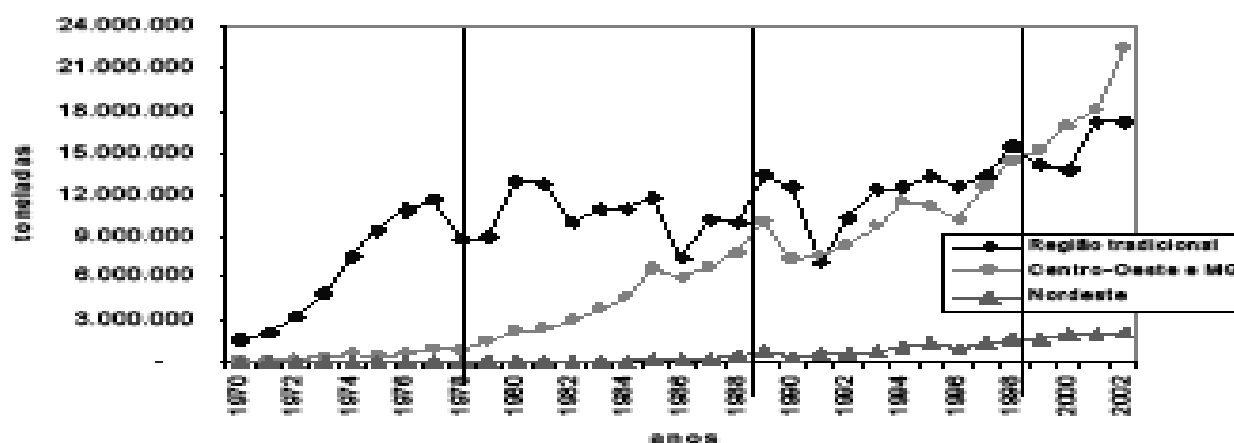
Ano	Regiao Tradicional	Centro-Oeste e MG	Nordeste	Norte
1980	86%	14%	0%	0%
1989	55%	42%	3%	0%
1999	46%	48%	5%	1%
2002	41%	53%	5%	1%

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil: Conab/Dipla - 1980, 1989 , 1999 e 2002.

Todavia, foi na década de 1980 que a cultura de soja na região Centro-Oeste e em Minas Gerais teve uma inacreditável expansão, chegando a apresentar excelentes taxas médias de crescimento da produção ao ano, e com uma grande expansão também em área no mesmo período, essa região tornou-se fundamental para a produção nacional de soja e para o bom desempenho do Brasil no comércio exterior.

No decorrer dos anos 80 e 90, a região tropical do país atinge uma alta taxa de crescimento em relação às duas décadas anteriores no sul do país, e inicia o novo século como a principal região produtora de soja em território nacional. Logo no início dos anos 90, houve uma forte redução da produção da soja no Brasil. Como nas safras de 1977/78 e 1978/79 os problemas climáticos desfavoreceram o cultivo e manejo da sojicultura. A falta de chuvas principalmente no período de floração e enchimento dos grãos fez com que sua produção em massa se retraísse de forma significativa. Com o final dos dois primeiros anos da década de 90 a produção voltou a crescer e alcançar excelentes ganhos em produtividade durante todo o restante dos anos 90. Nos últimos anos dessa década a região Centro-Oeste e Minas Gerais se tornaram as principais áreas produtoras de soja (gráfico 02).

Gráfico 2 - Evolução da Produção de Soja em Regiões do Brasil de 1970 a 2002.



Fonte: 1970 a 2002: Anuário Estatístico do Brasil; 2001 e 2002: Conab/

O cultivo e manejo da soja na região centro-oeste do país alavancou de forma significativa, e seguindo a tendência de ocupar maior espaço a cada nova safra. No início do sovo século, mas precisamente no ano de 2003, o estado de Mato Grosso se torna o produtor líder nacional de produção e produtividade de soja, com boas perspectivas de se manter nesta posição.

A região Centro-Oeste já participa com 9% da riqueza nacional, o faturamento com exportações disparou impulsionado pelo aumento da produção nacional e pela alta dos preços no mercado internacional (EMBRAPA, 2000).

A Região Central do Brasil em 2004 objetivou o gerenciamento eficiente através da indicação de tecnologias visando reduzir riscos e custos e aumentar ainda mais sua produtividade, fundamentais para a participação do sojicultor em mercados cada vez mais globalizados e competitivos (EMBRAPA, 2000).

A região Nordeste tem apresentado grande expansão da cultura da soja, principalmente durante os anos 90, com destaque para os últimos cinco anos desse período. Essa região vem aprimorando sua evolução da cultura de soja desde o segundo quinquênio dos anos 80, principalmente com o estado da Bahia, responsável por quase toda produção da região Nordeste já no início dos anos 90.

Segundo Cardoso (s/d), as alterações na composição da área agrícola no estado da Bahia relatam que a soja foi a cultura que mais se proliferou, chegando a incorporar 371 mil hectares de áreas plantadas no ano de 1994.

Nesse novo milênio a região Norte e Nordeste vem se destacando na expansão da sojicultura, apesar de representar uma mínima fatia da produção nacional de soja o ritmo de expansão do plantio nesses estados é muito elevado.

O estado de Tocantins foi responsável por colher mais de 80 mil ha logo em 2001, com um impressionante aumento de 215% em relação à safra de 1997/98.

O estado de Rondônia aumentou cerca de 340 vezes sua área plantada no início de 2001 em relação ao mesmo período de 1997/98.

Atingindo um crescimento em sua área destinada ao cultivo da soja, mas em menor escala, os estados do Pará e do Amazonas, surgem como uma nova fronteira para a expansão da sojicultura nacional (EMBRAPA, 2000).

1.3 Programas de incentivos

A partir da década de 60, houve mudanças no Brasil que se voltaram ao aumento das exportações. O agronegócio assumiu papel importante naquele tipo de estratégia governamental.

Naquele cenário, o Estado favoreceu a modernização acelerada de parte da agricultura principalmente pelo desenvolvimento do crédito rural com altas taxas de subsídios, modernizando a produção nacional agrícola.

A soja, com seu grande consumo de insumos agrícolas, industrializável e sendo beneficiado de um preço internacional a favor, recebera grande parte das transferências do Estado para o agronegócio.

Em uma crescente e se tornando o primeiro exportador de derivados de soja como o óleo de soja, por exemplo, o Brasil prova que um país subdesenvolvido pode atingir uma estratégia de desenvolvimento agrícola através de transferências massivas por parte do Estado e uma integração crescente ao cenário econômico Internacional.

A partir dos anos 60 o Ministério da fazenda e o Banco Central criaram um conjunto de medidas com o objetivo de estimular a produção agrícola brasileira. Sustentando a situação financeira dos produtores rurais e introduzindo a tecnologia moderna no setor. No ano de 1965 foi criada uma lei estabelecendo que 10% dos depósitos à vista nos bancos comerciais seriam repassados para o crédito agrícola, chegando a 15% no mesmo ano através de uma resolução nº 260 (SOBER, Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Rio Branco – Acre, 20 a 23 de julho de 2008).

O que se obteve de resultado dessa nova política de crédito foi o aumento dos recursos para financiar o crédito rural.

A crise internacional no final dos anos 70 trouxe grandes problemas para o Brasil assim como para a produção e comercialização da soja brasileira.

A crise no balanço de pagamentos brasileiro obrigou o país a recorrer aos empréstimos do FMI (Fundo Monetário Internacional), no final de 1982.

A contrapartida requerida pelo FMI ao Brasil foi à aplicação de medidas que visavam diminuir a demanda interna e aumentar as exportações com intuito de restabelecer um equilíbrio na balança de pagamentos e diminuir a inflação (VINCENT LECLERCQ, 1987).

Com essas novas medidas houve uma retração do volume de crédito, mais especificamente ao crédito agrícola, o que primeiramente atingiu a produção de soja, principal consumidor do crédito rural, provocando uma mudança na estrutura política agrícola. Passando de um sistema onde as condições de crédito ocupavam um lugar de destaque para uma política de preços mínimos elevados.

O valor destinado ao crédito rural concedido pelo Governo ao setor agrícola se deparou com uma elevada queda enquanto as taxas de juros tornaram-se, pela primeira vez, desde o final dos anos 60, superiores a inflação.

A partir de 1984 o Governo elevou notadamente a taxa de juros para safra 1984/85, assim a taxa do crédito rural tornou-se superior à inflação. Além disso, a taxa de juros passa a ser indexada sobre a correção monetária¹, enquanto até o início de 1982, essa se encontrava fixada (VINCENT LECLERCQ, 1987).

Esta deterioração das condições creditícias destinadas à produção de soja contrasta com a imagem que prevaleceu no decorrer dos anos 70, onde os produtores de soja eram beneficiados através de programas governamentais que favoreciam financeiramente a utilização de insumos agrícolas.

A contrapartida lógica do fim da subvenção do crédito rural foi a alta do preço mínimo garantido. É o que decidiu o Ministério da Agricultura entre 1984 e 1985. A política dos preços mínimos revaloriza, portanto, o preço dos produtos alimentícios, mas nem por isso desfavorece ao principal produto de exportação em questão, a soja.

Por mais paradoxal que seja a colheita de 1984 e 1985 bate todos os recordes de produção agrícola. A produção de soja alcançara o índice de 18 milhões de toneladas, esse *boom* agrícola em plena crise creditícia deve ser relativo pelas excelentes condições climáticas que o Brasil passava neste período.

A conjuntura dos anos 80 se mostra muito menos favorável aos exportadores de soja brasileira, principalmente com a retomada da concorrência vinda dos Estados Unidos e pelo aparecimento de novos produtores como a Argentina e Paraguai. Além da concorrência internacional, a crise fiscal do Estado brasileiro reduziu a capacidade de financiamento da agricultura. A conjunção de uma forte queda do valor dos financiamentos governamentais destinados ao setor da produção de soja e de um

¹ Correção Monetária: A variação das Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORTN) que acompanham a evolução da inflação.

mercado internacional menos favorável aos exportadores brasileiros nos colocou em um cenário bem menos vantajoso em relação à década anterior.

A partir dos anos 90, a economia brasileira é marcada pela sua nova inserção no cenário internacional, através de políticas voltadas a redução das tarifas de importação e a desvalorização da moeda, destacando-se ainda o processo de estabilização dos preços e a saída gradual do governo no financiamento da agricultura.

“Face a aquele momento mundial, o Estado brasileiro, agora como agente regulador e estimulador, passou a apoiar a criação de novas fontes de recursos como a CPR”² (SPOLADOR, 2001).

No âmbito regional também se verificaram importantes programas de incentivos fiscais.

O governo de Mato Grosso, por exemplo, criou programas de incentivos fiscais voltados ao incremento da industrialização do farelo de soja que geraram um crescimento na comercialização do produto com maior valor agregado. O aumento na agregação de valores na produção de soja significa oportunidades de empregos com melhores salários, implicando em melhoria na distribuição de renda, bem como, implica maior valor para os produtos exportáveis.

Além disso, o governo deste estado também promoveu alterações no Programa de Desenvolvimento Industrial de Mato Grosso (Prodei³), transformando-o num importante instrumento para incentivar o crescimento no setor, possibilitando o financiamento de indústrias de grande porte, através de prazos mais longos, postergação do ICMS que teve um incremento de 40% para 70%, a juros de 0,2% ao mês (Secom – MT).

² Cédula do Produto Rural

³ Prodei é um Programa criado pela Lei nº 5.323, de 19/07/1988, tendo como principal objetivo fomentar o desenvolvimento industrial do Estado de Mato Grosso, através da concessão de prazo especial de pagamento do ICMS.

CAPÍTULO 2

EVOLUÇÃO MUNDIAL DO MERCADO DE SOJA

Uma análise da evolução do mercado mundial de soja no período 2002-2010

Este capítulo tem como objetivo realizar uma análise da evolução do mercado mundial de soja entre 2002 e 2010. Para tanto, faz-se necessário analisar: i) a evolução mundial do complexo da soja, destacando a produção, a exportação e o estoque (seção 2.1); e ii) a evolução mundial da soja em grãos, destacando os aspectos da produção, exportação e estoque e os aspectos relacionados aos principais países produtores, exportadores e importadores (seção 2.2)

2.1 Complexo soja

A soja, principal oleaginosa produzida e consumida pelo mundo afora, tanto para o consumo animal, através do farelo da soja quanto para o consumo humano, através do óleo refinado, se tornou ao longo dos anos o principal produto do agronegócio brasileiro.

O complexo da soja⁴ compreende uma cadeia produtiva que envolve desde a produção interna, voltada para a exportação do produto *in natura*, até a transformação do produto em óleo ou farelo de soja, através de empresas processadoras, tanto para o consumo interno quanto para exportação.

O grande incremento na produção de soja pode ser atribuído a diversos fatores, dentre os quais cinco merecem destaque:

1) a soja apresenta elevado teor de proteínas (em torno de 40%) de excelente qualidade, tanto para a alimentação animal quanto humana;

⁴ O Complexo Soja abrange (i) farelo de soja, (ii) soja em grãos, mesmo triturada, (iii) óleo de soja bruto, (iv) óleo de soja refinado e (v) óleo de soja, exceto refinado e bruto.

2) a oleaginosa possui considerável teor de óleo (cerca de 20%), que pode ser usado para diversos fins, especialmente associados com a alimentação humana e a produção de biocombustíveis;

3) a soja é uma *commodities* padronizada e uniforme, podendo, portanto, ser produzida e negociada por produtores de diversos países;

4) a oleaginosa apresenta alta liquidez e demanda;

5) sobretudo nas últimas décadas, houve expressivo aumento da oferta de tecnologias de produção, que permitiram ampliar significativamente a área e a produtividade da oleaginosa.

Além desses cinco fatores, vale destacar que o papel dos avanços tecnológicos são determinantes na evolução da produtividade de kg/ha. (EMBRAPA, 2010).

A produção mundial do complexo soja expandiu-se de forma acentuada entre o período de 2002/03 a 2010/11, saltando de 357,7 milhões de toneladas para mais 477,6 milhões de toneladas, atingindo um crescimento de 1/3.

É importante ainda ressaltar que mesmo com um aumento das exportações, durante todo este período de 2002/03 a 2010/11, o estoque final obteve índices elevadíssimos em todas as safras, exceto nas safras de 2007/08 e 2008/2009, prejudicados principalmente pelas condições climáticas.

Ao final de 2010/11 o estoque mundial apresenta um saldo positivo próximo ao mesmo percentual do aumento da produção com um aumento de 34,70% em relação à safra de 2002/03. Analisando os dados da tabela 2, veremos a evolução da produção, exportação e do estoque de todo o complexo soja.

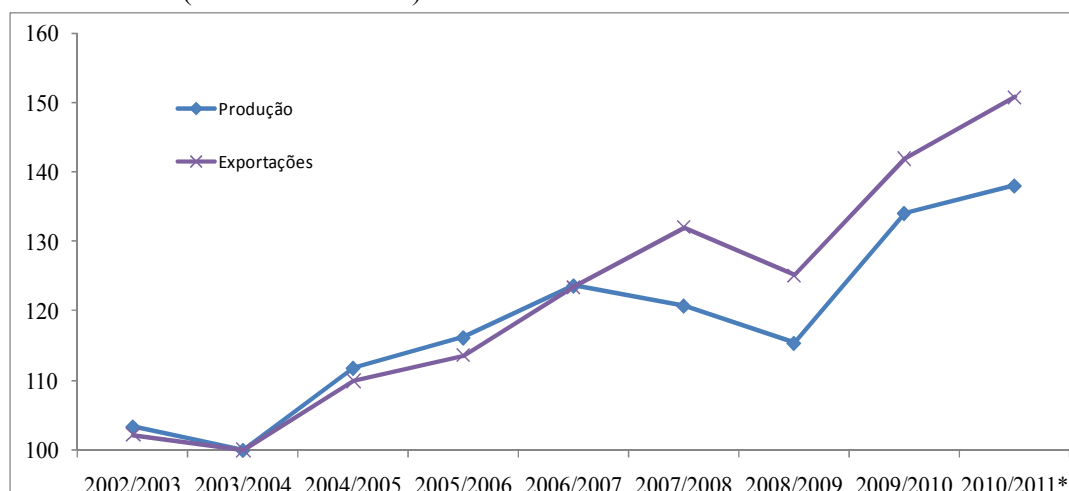
Tabela 02 – Produção, Exportações e Estoque do Complexo Soja: grãos, farelo e óleo Mundo - volume (milhões de toneladas).

Ano	Produção	Exportações	Estoque (fim do período)
2002/2003	357,7	113,3	51,3
2003/2004	346,0	110,8	46,3
2004/2005	386,9	121,8	57,0
2005/2006	402,0	125,9	62,5
2006/2007	427,8	136,8	72,8
2007/2008	417,8	146,4	62,2
2008/2009	399,3	138,7	51,2
2009/2010	464,0	157,3	69,3
2010/2011*	477,6	167,0	69,1

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da USDA (*) Estimado

Este expressivo aumento de 33,60% na produção (t) do complexo soja foi ainda maior quando comparado ao volume das exportações (t) de todo o complexo de soja, o qual alcançou um acréscimo de aproximadamente 47,40% . Veremos no gráfico abaixo a evolução da produção e exportação mundial de todo o complexo soja.

Gráfico 03 – Evolução da Produção e Exportações do Complexo Soja: Grãos, Farelo e Óleo - Mundo (2002/03 a 2010/11).



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da USDA (*) Estimado

O crescimento das exportações em valor (US\$) também registra expressivos aumentos durante os anos que vão de 2002 a 2010. Conforme mostra o gráfico 03, o crescimento das exportações mundiais (US\$) tem algum efeito *quantum*⁵, mas o efeito preponderante, particularmente a partir da safra 2006/07 se dá via aumento do preço médio por tonelada.

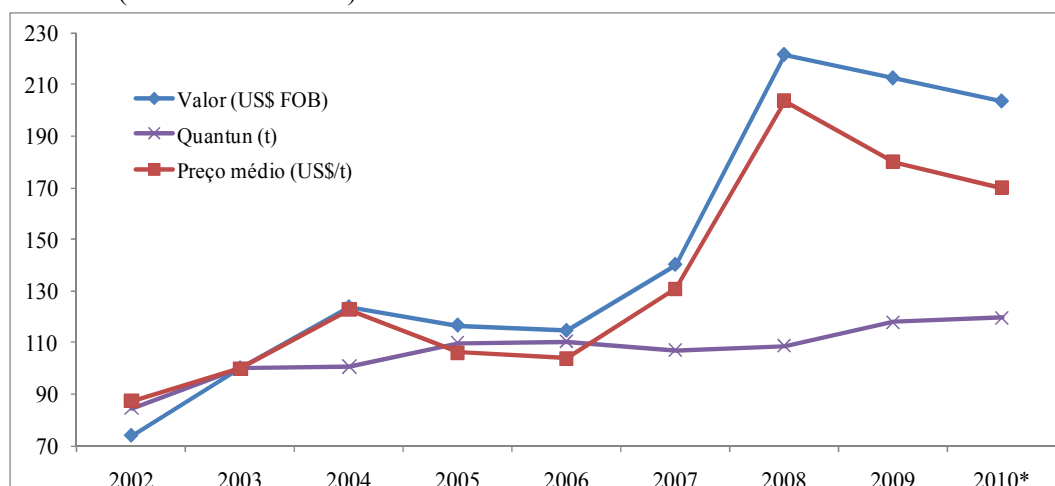
Somente a partir de 2008 essa tendência se modifica, quando há um aumento mais significativo na quantidade exportada (t) e há uma tendência para queda do preço médio, impactando na perda no valor das exportações mundiais⁶.

No comparativo de 2009 com relação a 2003, o valor das exportações mundiais do complexo soja teve um expressivo aumento, sendo que os preços (US\$/t) aumentaram 80%, contra um aumento de 18% na quantidade exportada no mesmo período.

⁵ Quantum – Volume por quantidade

⁶ O gráfico foi construído em número-índice, considerando a safra de 2003/2004 = 100.

Gráfico 04 – Evolução das Exportações do Complexo Soja: Grãos, Farelo e Óleo Mundo - (2002/03 a 2010/11).



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da USDA (*) Estimado

O fator fundamental para a expansão da produção e consumo de soja na última década está ligada aos estímulos da demanda: a conversão da proteína vegetal em animal, basicamente através da produção avícola (frango) e suína, foi o fenômeno que permitiu as grandes populações espalhadas pelo mundo afora, principalmente nos países da Ásia, aumentar o consumo de carne. O crescimento econômico da economia asiática explica boa parte do crescimento do consumo do farelo e óleo de soja.

Nos Estados Unidos, maior produtor e processador mundial de soja, o consumo interno de carne vem também em uma crescente; favorecida pelo farelo de soja na ração dos animais de corte. (REVISTA VEJA, 2003).

Os fluxos comerciais do complexo de soja no mercado internacional neste período se encontram ligados a fatores de oferta, demanda, logística e estrutura tarifária/fiscal dos principais países envolvidos.

2.2 Soja em Grãos, (mesmo triturada)

A planta propriamente dita alcança 80 centímetros de altura, com pequenas flores brancas ou roxas, que desenvolvem vagens contendo entre 1 a 4 grãos, estes grãos são uma das mais ricas fontes de proteínas vegetais. Existem centenas de variedades, sendo a mais comum a que produz os grãos de soja amarelos. Levam entre 150 a 200 dias a desenvolver-se, em climas quentes e úmidos.

A isoflavona está presente nos grãos da soja. Em média, a soja possui 40% de proteínas, 20% de lipídios (óleo), 5% de minerais e 34% de carboidratos (açúcares

como glicose, frutose e sacarose, fibras e os oligossacarídeos como rafinose e estaquiose) a soja não possui amido (EMBRAPA, 2010).

O principal destino da soja em grão é para o setor industrial, visando à produção de farelo de soja, utilizado, sobretudo, na elaboração de rações para atividades de pecuária. As empresas esmagadoras são o destino de 87,6% da soja consumida, enquanto a alimentação humana, na forma *in natura*, representa apenas 6,2% (CONAB/ABIOVE, 2010).

China, Estados Unidos, Brasil e União Europeia são responsáveis por aproximadamente 4/5 do consumo mundial dos grãos, o que evidencia que esses países possuem complexos agroindustriais bem estruturados para o processamento do grão.

No período de 2002/03 a 2010/11, o consumo mundial de soja também cresceu de forma expressiva, sendo a China o principal destaque no período avaliado. O volume de soja em grão consumido pela China é quatro vezes superior à produção do país, mostrando sua grande dependência das importações do produto.

Figura 1: Grão de Soja



A evolução da produção da soja está relacionada principalmente aos grandes avanços tecnológicos no manejo e cultivo do grão de soja. Houve grandes acréscimos em relação à produção mundial de soja em grão, cabendo aos Estados Unidos a liderança, seguidos de Brasil e Argentina.

A produção mundial de soja em grão obteve um alto índice de incremento nesta última safra em relação à 2002/03, com um total produzido aproximado em 260 milhões de toneladas na safra 2010/2011*, contra 196 milhões na safra 2002/03, representando um crescimento de cerca de 64 milhões de toneladas em menos de uma década.

Tabela 03 – Produção, Exportações e Estoque de Soja em Grãos (mesmo triturada) Mundo - volume (milhões de toneladas).

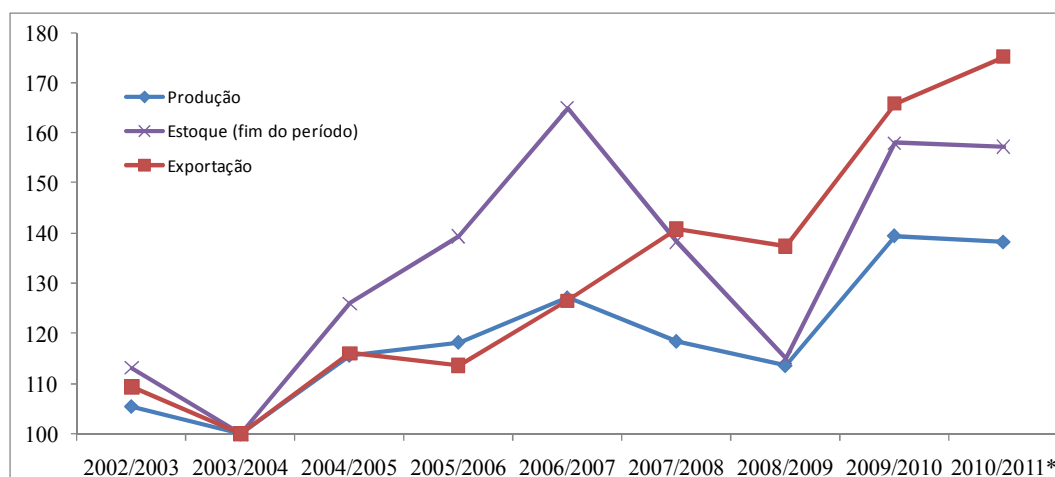
Ano	Produção	Exportações	Estoque (fim do período)
2002/2003	196.9	61.2	43.3
2003/2004	186.6	56.0	38.2
2004/2005	215.8	64.9	48.2
2005/2006	220.7	63.6	53.3
2006/2007	237.1	70.8	63.1
2007/2008	221.0	78.8	52.9
2008/2009	212.0	76.9	44.0
2009/2010	260.1	92.8	60.4
2010/2011*	257.8	98.0	60.1

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da USDA (*) Estimado

Para completar as discussões a respeito da oferta e da demanda mundiais de soja em grão (mesmo triturada), deve-se também efetuar análises relacionadas com o comportamento dos estoques finais, isso porque, ao analisar essa variável, é possível obter indicativos acerca do equilíbrio (ou desequilíbrio) entre a oferta e a demanda do produto. Nessa perspectiva, com base nos dados apresentados no gráfico abaixo, tendo em vista que a safra de 2003/2004 = 100, dois pontos merece ser destacados:

1) os estoques de soja em grão se deparam com uma drástica redução no período entre as safras de 2006/07 a 2008/09, associada à queda na produção e um aumento médio nas exportações e; 2) no período seguinte entre as safras de 2008/09 e 2010/11 há um aumento tanto na produção, exportação quanto nos estoques, já que a produção se recuperou na safra seguinte.

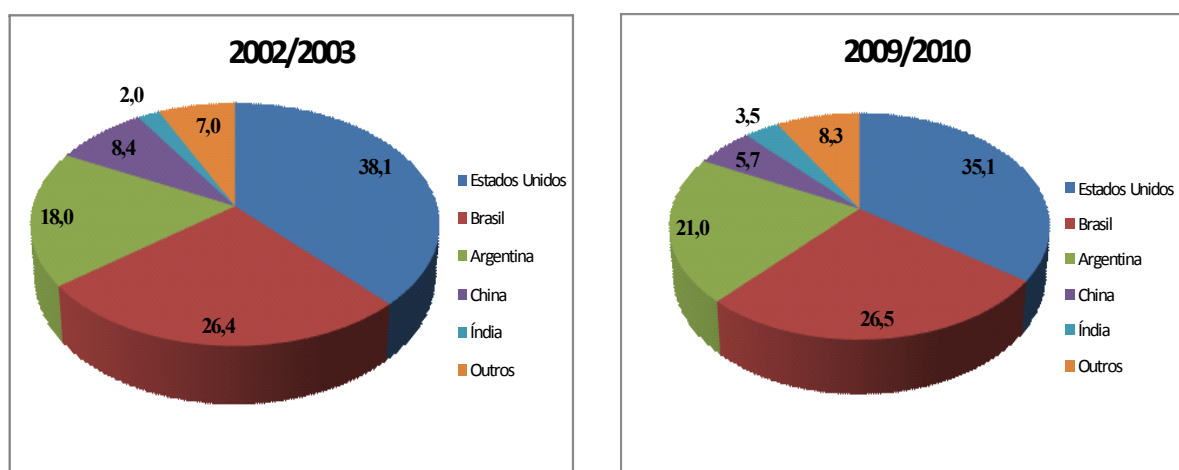
Gráfico 05 – Produção, Exportações e Estoque da Soja em Grãos (mesmo triturada) Mundo (2002/03 a 2010/11).



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da USDA (*) Estimado

Esse volume de produção está praticamente concentrado em cinco grandes produtores. Vamos analisar a evolução dos maiores produtores de soja em grãos no período 2009/10 comparado a 2002/03, quanto à sua participação individual no montante do total produzido e veremos a manutenção da posição do Brasil, o aumento da participação da Argentina e do resto do mundo, e a redução da participação dos Estados Unidos e da China (gráfico 06).

Gráfico 06 - 5 Maiores Produtores Mundiais de Soja em Grãos.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da USDA

A mudança mais significativa de posições é a redução da participação chinesa e isso poderia ser explicado pela mudança na estrutura produtiva e de especialização/divisão internacional do trabalho que a China vem adotando na última década, e o aumento da participação Argentina que continua na posição do terceiro maior produtor mundial, mas na safra 2009/10 com relação à safra 2002/03 aquele país aumentou em 3% sua participação na produção mundial de soja em grãos (USDA, 2011).

Em relação ao volume do grão exportado mundialmente é pertinente ressaltar que os Estados Unidos, Brasil e Argentina são responsáveis por mais de 90% das exportações mundiais ao longo do período de 2002 a 2010, com um expressivo crescimento no volume comercializado principalmente nos últimos anos, como podemos observar na tabela 04, que demonstra os cinco maiores exportadores de soja em grãos.

Tabela 04 – Cinco Maiores Exportadores de Soja em Grãos - volume (milhões de toneladas)

Ano/País	Estados Unidos		Brasil		Argentina		Paraguai		Canadá	
	Volume	Part. Exp. (%)	Volume	Part. Exp. (%)	Volume	Part. Exp. (%)	Volume	Part. Exp. (%)	Volume	Part. Exp. (%)
2002/2003	28,4	46,5	19,6	32,1	8,6	14,1	3,0	4,9	0,7	1,2
2003/2004	24,1	43,1	20,4	36,5	6,7	12,0	2,6	4,6	0,9	1,6
2004/2005	29,9	46,0	20,1	31,0	9,6	14,7	3,1	4,7	1,1	1,7
2005/2006	25,6	40,3	25,9	40,8	7,2	11,4	2,1	3,4	1,3	2,1
2006/2007	30,4	42,9	23,5	33,2	9,6	13,5	3,9	5,4	1,7	2,4
2007/2008	31,5	40,0	25,4	32,2	13,8	17,6	4,6	5,8	1,8	2,2
2008/2009	34,8	45,3	30,0	39,0	5,6	7,3	2,2	2,9	2,0	2,6
2009/2010	40,9	44,0	28,6	30,8	13,1	14,1	5,4	5,8	2,2	2,4
2010/2011*	43,3	44,2	31,4	32,0	13,0	13,3	4,6	4,7	2,6	2,7

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da USDA (*) Estimado

A tabela mostra que durante toda a década as posições entre os três maiores exportadores (e produtores) mundiais de soja não se altera, nem no que se refere ao volume exportado, nem na participação do país no total exportado pelo mundo.

Podemos notar apenas que enquanto os Estados Unidos perdem aproximadamente 2,5% na participação do total exportado (2010/11 em relação à 2002/03), o Brasil e a Argentina mantiveram suas participações relativas.

Os Estados Unidos lideram o *ranking* de maior produtor do grão, mas com uma clara limitação para seu crescimento, uma vez que praticamente toda área destinada à agricultura do país se encontra ocupada desde a década de 40. Esse fato deixa em evidência que o Brasil em forte expansão no mesmo período relacionado e uma forte racionalização e profissionalização e com altos investimentos principalmente nos últimos anos, poderá sucumbir à hegemonia dos Estados Unidos em líder mundial na produção do grão de soja.

De fato o volume de soja em grãos total produzido no mundo teve um acréscimo de 1/3 referente ao final do período estudado, enquanto o volume dos Estados Unidos obteve alta de 22,5%, ocasionando uma perda quanto a sua participação do total produzido mundialmente, que iniciou a safra 2002/03 com 38,1% e terminou 2010/11 com apenas 35,6%, uma retração considerável, já que os concorrentes do hemisfério sul, se mantiveram estável quanto a sua participação na produção mundial, caso do Brasil, com um aumento de aproximadamente 30% no seu volume produzido e a Argentina com um expressivo aumento tanto no seu volume produzido, quanto na sua participação na produção mundial, com taxas crescentes de 46,50% e 12,30% respectivamente, sendo o destaque entre os três grandes produtores com um valor acima da média, principalmente nos últimos dois períodos quanto ao volume total produzido por todo

mundo⁷. A Índia, a despeito de seu pequeno volume de produção quanto comparado aos quatro maiores produtores mundiais, também teve um bom desempenho no período analisado, e seu volume produzido mais que dobrou no período, passando de quatro para mais de nove milhões de toneladas. (Tabela 05).

Tabela 05 – Cinco Maiores Produtores de Soja em Grãos - volume (milhões de toneladas)

Ano/País	Estados Unidos		Brasil		Argentina		China		Índia	
	Volume	Part. Prod. (%)	Volume	Part. Prod. (%)	Volume	Part. Prod. (%)	Volume	Part. Prod. (%)	Volume	Part. Prod. (%)
2002/2003	75,0	38,1	52,0	26,4	35,5	18,0	16,5	8,4	4,0	2,0
2003/2004	66,8	35,8	51,0	27,3	33,0	17,7	15,4	8,2	6,8	3,6
2004/2005	85,0	39,4	53,0	24,6	39,0	18,1	17,4	8,1	5,9	2,7
2005/2006	83,5	37,8	57,0	25,8	40,5	18,4	16,4	7,4	7,0	3,2
2006/2007	87,0	36,7	59,0	24,9	48,8	20,6	16,0	6,7	7,7	3,2
2007/2008	72,9	33,0	61,0	27,6	46,2	20,9	14,0	6,3	9,5	4,3
2008/2009	80,7	38,1	57,8	27,3	32,0	15,1	15,5	7,3	9,1	4,3
2009/2010	91,4	35,1	69,0	26,5	54,5	21,0	14,7	5,7	9,0	3,5
2010/2011*	91,9	35,6	67,5	26,2	52,0	20,2	14,4	5,6	9,6	3,7

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da USDA (*) Estimado

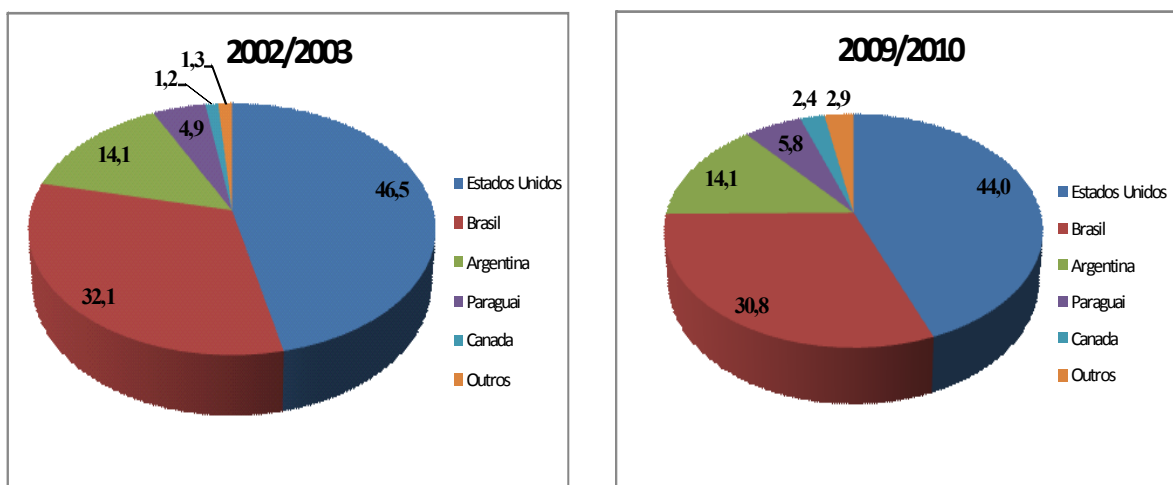
Ao observarmos os dados da tabela 05 verificamos que os Estados Unidos não sofreram perda em sua posição de maior produtor mundial, mas sofreu perdas em sua participação relativa. De tal modo que sua participação na produção e exportações, mesmo com um acréscimo, ao final do período, tanto no volume exportado de 52,4% (tabela 4) - abaixo da média mundial que cresceu cerca de 60% - quanto no volume produzido, de 22,5% (tabela 5), sua participação nas exportações mundiais teve um declínio de quase 3%. Obviamente que tais eventos climáticos principalmente a seca tiveram impacto negativo na produção americana.

Na América do Sul, mas notadamente no Brasil, ao se tratar das exportações nos encontramos em situação parecida quanto a sua produção, com um crescimento no volume das exportações próximo ao crescimento mundial, com 60,2% de acréscimo no volume total exportado e uma participação estável referente ao início do período aqui estudado; e a Argentina, na contramão do ocorrido na produção, mostra um quadro parecido com os Estados Unidos, referente às exportações, com crescimento no volume

⁷ É de fundamental importância ressaltar que não podemos relacionar ganhos ou perdas de produção e/ou de produtividade com o uso de sementes transgênicas, uma vez que o país platino vizinho e os Estados Unidos obtiveram tendências opostas e ambos são usuários das sementes transgênicas. (SAVIO RAFAEL PEREIRA. Abril/Maio/Junho 2004.

exportado abaixo da média mundial e uma perda na sua participação nas exportações mundiais (gráfico 07).

Gráfico 07 - 5 Maiores Exportadores de Soja em Grãos - volume (milhões de toneladas).



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da USDA (*) Estimado

No lado da oferta se destaca o espetacular crescimento do Brasil e da Argentina, e do lado da demanda o crescimento do consumo nas principais regiões, inclusive os supostamente mercados saturados dos Estados Unidos e da União Europeia, esse último que eliminou parte de sua dispendiosa safra de soja e substituiu por importações do complexo de soja, e principalmente os países da Ásia.

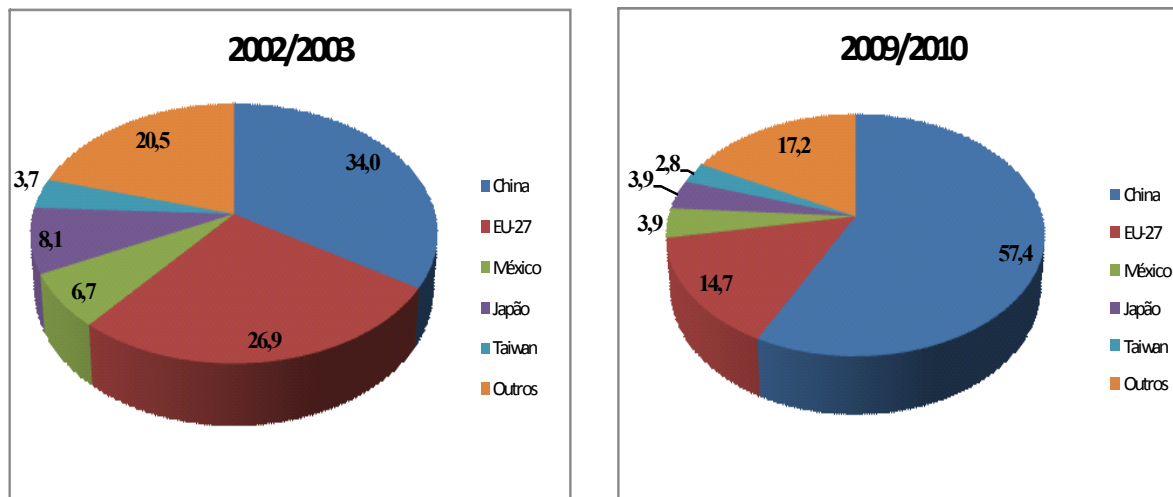
A China se tornou o maior importador mundial do grão de soja. O País que praticamente não importava nada no ano de 1993 chegou a importar mais de 57 milhões de toneladas, com suas compras externas bem distribuídas entres os Estados Unidos, Brasil e Argentina.

Outro aspecto importante do mercado internacional de soja está relacionado às diferentes políticas agrícolas praticadas pelos países produtores, principalmente pela Europa através da PAC (Política Agrícola Comum), a qual tem exercido restrições às importações de óleo de soja, mesmo após os progressos atingidos pela globalização. No caso da política agrícola americana, os altos subsídios à exportação têm influenciado as condições de concorrência no mercado internacional.

A soja em grão não é objeto de barreira alfandegário nos países importadores, por se tratar de um produto *in natura*, ou seja, não é como o produto acabado (óleo de soja) que se encontra altamente taxado para ingressar na União Europeia, nos Estados Unidos e no mercado Asiático.

No gráfico seguinte podemos acompanhar a evolução dos cinco maiores importadores de soja em grãos entre as safras de 2002/03 e 2009/10 (gráfico 08).

Gráfico 08 - 5 Maiores Importadores de Soja em Grãos - volume (milhões de toneladas)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da USDA (*) Estimado

A China que sempre teve uma parcela significativa na importação de soja em grãos se torna ao final da safra de 2009/2010, o principal destino das exportações de todo o mundo, sendo responsável por 57,4% das importações mundiais da soja em grãos, mesmo triturada. Por ser o propulsor da demanda mundial chegando a importar mais da metade do volume total. Importa o produto de maneira *in natura*, aplicando tecnologia de processamento, como refino e farelo, tornando possível sua utilização tanto no consumo humano quanto para a viabilização em outras culturas.

CAPÍTULO 3

EVOLUÇÃO DA SOJA BRASILEIRA

Produção e Exportação Brasileira de Soja em grãos (2002/2010): Uma análise dos condicionantes Macroeconômicos.

O objetivo deste capítulo é analisar a evolução das exportações brasileiras de soja em grãos a partir dos condicionantes macroeconômicos, mais especificamente a taxa de câmbio e a renda mundial. Para tanto, faz-se necessário: i) descrever a evolução da produção e da produtividade da soja (seção 3.1); ii) a apresentar a evolução das exportações de soja em grãos (seção 3.2); iii) analisar os efeitos do câmbio e da renda mundial sobre as exportações brasileiras de soja em grãos, destacando ainda o papel desempenhado pelo “efeito China” na dinâmica recente (seção 3.3).

3.1 Evoluções da Produção e da Produtividade

Gradativamente a oleaginosa passou a ocupar importantes áreas já consolidadas de pastagens degradadas, haja vista as baixas eficiências técnica e econômica de grande parte dos sistemas de pecuária de corte tradicionais em relação aos níveis de eficiência observados na exploração da sojicultura. Como alternativa para melhorar a estabilidade de produção e de renda dos produtores nos últimos anos também tem sido ampliada em áreas de pastagens, os sistemas de integração lavoura-pecuária, em que a soja é uma das principais atividades componentes.

A partir dos anos 90, a agricultura brasileira passara por um processo de industrialização, obteve incremento na sua produtividade através da utilização de novas tecnologias mais avançadas, principalmente no período de 2002/03 a 2010/11. Isto fez com que o setor alcançasse um maior crescimento e dinamismo e a soja se torna o produto com maior relevância no agronegócio brasileiro.

O Brasil se tornou o segundo maior produtor e exportador mundial da soja, garantindo assim um papel de destaque no cultivo e manejo do produto.

Nesta última safra o Brasil participou com um volume de um pouco mais de 26% da produção mundial de soja. Houve um aumento de aproximadamente 1/3 na área colhida ao final do período (2010/11 comparando com 2002/03), alavancando a produção para quase 68 milhões de toneladas, e um rendimento médio em ascensão desde a safra de 2003/04, com uma falha na safra de 2008/09 atrapalhadas pelas condições climáticas desfavoráveis para aquele ano (tabela 06).

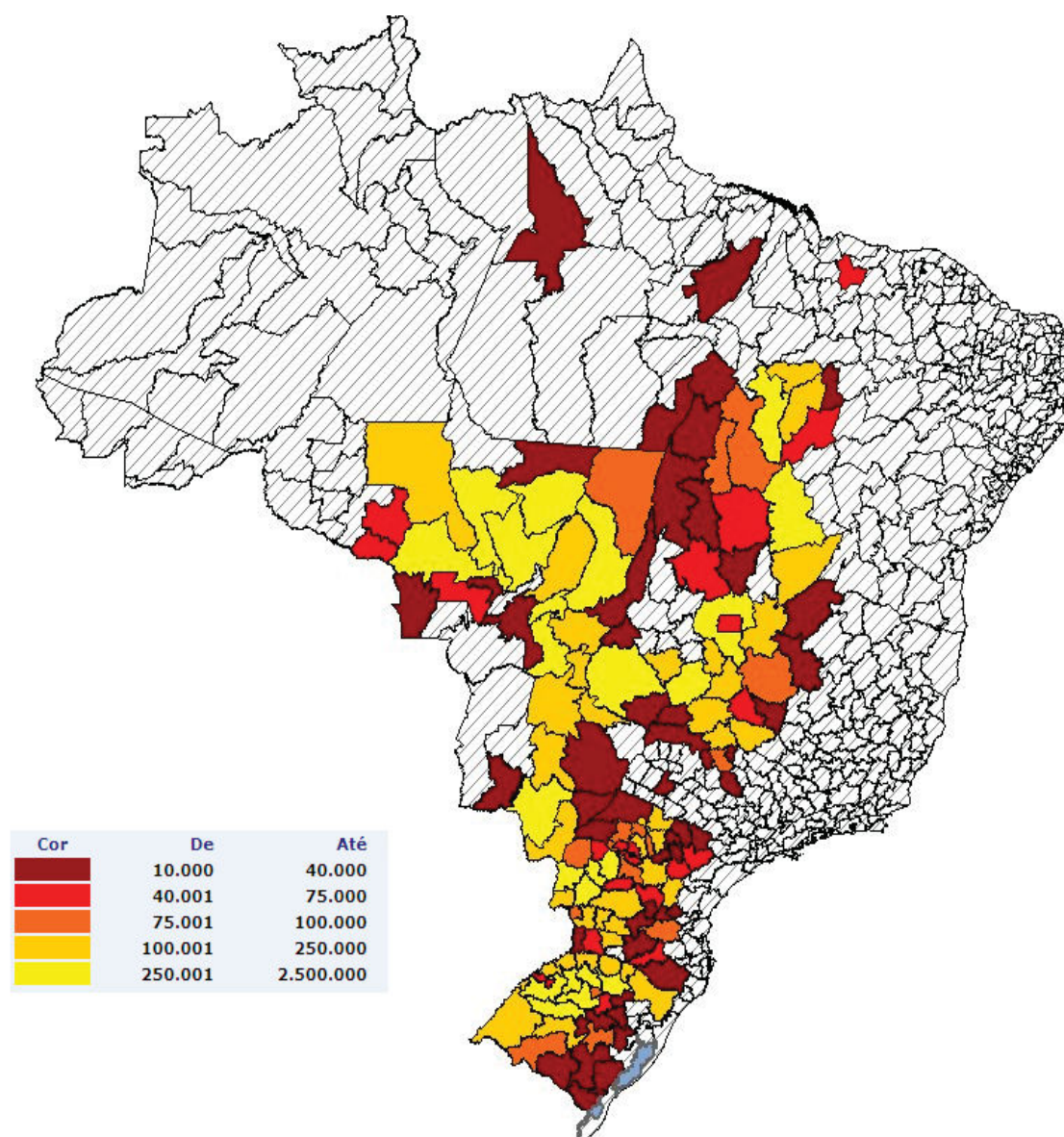
Tabela 06 – Área Colhida, Produção e Rendimento Médio de Soja em Grãos – Brasil.

Ano	Área colhida (milhões ha.)	Produção (milhões Ton.)	Rendimento médio (ton./ha)
2002/2003	18,4	52,0	2,8
2003/2004	21,5	51,0	2,4
2004/2005	22,2	53,0	2,4
2005/2006	22,9	57,0	2,5
2006/2007	20,7	59,0	2,9
2007/2008	21,3	61,0	2,9
2008/2009	21,7	57,8	2,7
2009/2010	23,5	69,0	2,9
2010/2011*	24,3	67,5	2,8

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da USDA (*) Estimado

Conforme destacado anteriormente o cultivo da soja está concentrado nas regiões Sul e Centro-Oeste, que respondem por cerca de 4/5 da área nacional cultivada com a oleaginosa. A Região Centro-Oeste apresentou significativa expansão no cultivo do grão com elevado nível de produtividade, o que a transformou no maior produtor nacional. Por outro lado, a Região Sul teve a menor taxa anual de crescimento em área, além de ser afetada, ocasionalmente, por regimes de estiagens que afetam a produtividade das lavouras, diminuindo a produção regional.

As regiões Norte e Nordeste apresentaram as maiores taxas anuais de crescimento em área nas últimas décadas, entretanto, suas áreas somadas representam pouco mais de 10% do total. O avanço relatado na Região Norte se deve ao crescimento do cultivo de soja no estado do Tocantins, Rondônia e Pará enquanto que a evolução na Região Nordeste se deve ao incremento da área nos estados da Bahia, Maranhão e Piauí na figura 02, podemos analisar dados da distribuição espacial da área de produção de soja no Brasil, lembrando que foram utilizados dados do IBGE 2010 para safra de 2007/08.



Fonte: IBGE (2010).

Figura 2. Distribuição espacial da área de produção de soja no Brasil – safra 2007/08.

Nota: a distribuição é realizada por microrregiões, sendo que a legenda indica a área em hectares.

Vale ressaltar que este incremento da produção de soja, principalmente nos últimos anos aqui do período estudado, em regiões de clima quente e temperado, como o caso do nordeste que vem se destacando como as novas fronteiras da expansão do cultivo e manejo da soja, se deveram principalmente aos incrementos em tecnologias.

3.2 Evolução das Exportações

Nessa última década, tanto a produção como o consumo interno de produtos do complexo de soja, tenderam a apresentar taxas de crescimento anuais significativas. Especialmente relacionado com relação à demanda, destaca-se o fato de que o consumo nacional de farelo e óleo de soja cresceram a taxas anuais na casa dos 6% e 5% respectivamente, mostrando que o próprio País constitui um grande mercado consumidor de farelo (alimentação animal) e óleo (alimentação humana e biodiesel).

Sobre o comércio exterior, deve-se destacar que o Brasil ainda é o segundo maior exportador mundial de matéria-prima. Isso se deve, em grande parte, à Lei Kandir de 1996, que, pelo fato de tornar isenta a cobrança de ICMS sobre as exportações de produtos primários, estimulou o aumento das exportações de soja em grão, em detrimento das exportações dos demais produtos do complexo em questão, cujo valor agregado é mais significativo. A estrutura fiscal brasileira e a política de importação da China tiveram papel fundamental nas exportações das *commodities*.

Na tabela 07, veremos essa evolução das exportações de soja em grãos de forma numérica. Onde a evolução da exportação da soja em grão (mesmo triturada), cresceu mais de 250% no comparativo 2010 em relação a 2002, ao passo que o complexo teve um crescimento de 175% no mesmo período e as exportações brasileiras totais apresentaram um crescimento considerável, chegando a triplicar. Esse desempenho sugere um fortalecimento e uma especialização em direção à *commodities*, uma vez que seu crescimento se mostra mais expressivo tanto em relação ao complexo, como em relação ao total exportado pelo país.

Tabela 07 – Exportações Totais do complexo de soja e de Soja em Grãos – Brasil.

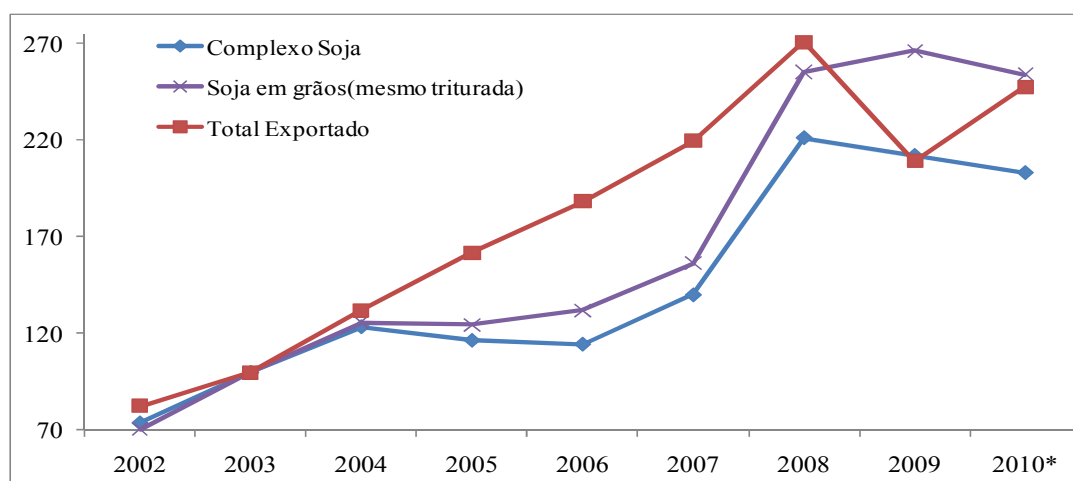
Ano	Complexo Soja	Soja em grãos(mesmo triturada)	Total Exportado
2002	6.008.902.318	3.031.983.963	60.361.785.000,0
2003	8.125.366.923	4.290.442.927	73.084.140.087,0
2004	10.047.889.935	5.394.906.561	96.475.238.342,0
2005	9.476.727.127	5.345.047.155	118.308.387.113,0
2006	9.311.250.361	5.663.424.043	137.807.469.531,0
2007	11.386.107.572	6.709.381.085	160.649.072.830,0
2008	17.986.408.950	10.952.196.541	197.942.442.909,0
2009	17.250.858.013	11.424.282.738	152.994.742.300,0
2010*	16.525.503.307	10.897.041.477	180.997.144.899,0

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do MDIC (*) Acumulado entre janeiro e novembro.

Quando se integra elevada capacidade produtiva aos baixos custos de produção, juntamente aos preços competitivos do mercado internacional, a soja brasileira se torna cada vez mais, uma das principais atividades da agricultura brasileira na pauta de exportações.

Ao analisarmos o gráfico 09 (Dados 2003 = 100) relativo ao desempenho das exportações brasileiras totais, das exportações do complexo de soja e de soja em grãos (mesmo triturada), notadamente verificamos os altos índices de crescimento do complexo soja e de soja em grãos, mas a partir de 2008 veremos uma diferença mais nítida de maior taxa de crescimento das exportações de soja em grão, relativa ao complexo soja.

Gráfico 09 – Exportações Totais do Complexo Soja e de Soja em Grãos (mesmo Triturada) Brasil - Dados 2003 = 100



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do MDIC (*) Acumulado entre janeiro e novembro.

A soja em grão compõe um papel importante na pauta de exportações brasileiras, desde a safra de 2002, quando se inicia a análise deste capítulo em questão, a tabela 08, nos traz os percentuais das exportações brasileiras de soja em grão em relação às exportações totais do Brasil para o período aqui estudado.

Tabela 08 – Participação da Soja em Grãos na Pauta das Exportações Brasileiras.

Ano	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
% Exportações	5,02	5,86	5,58	4,51	4,11	4,18	4,53	7,74	5,47

Fonte: COMTRADE (2010)

A soja em grão nacional se torna, portanto, cada vez mais importante na pauta de exportações brasileira. Esse desempenho recente das exportações brasileiras de soja e sua crescente participação tanto em relação ao complexo soja, como em relação ao total exportado pelo Brasil é uma questão que merece alguma reflexão e que será feita na próxima subseção.

Durante todo período estudado, o valor (US\$ FOB) das exportações da soja em grãos alcançara valores jamais vistos no agronegócio brasileiro, com um expressivo aumento de quase 260% (tabela 09), ao final de 2010.

Por ser um produto padronizado, o preço médio da soja em grãos responde aos estímulos da oferta e demanda globais.

No período analisado, podemos verificar que o crescimento do valor exportado pelo Brasil teve também efeitos preço e efeitos quantidade. Vejamos que no comparativo de 2010 com 2002 o crescimento do quantum (t) e o preço médio (US\$/t) foram respectivamente de 80,30% e 99,40%. Lembrando que estes certamente sofrerão um acréscimo pelo fato do ano de 2010 ainda faltar o mês de dezembro.

Tabela 09 – Exportações da Soja em Grãos (mesmo triturada) - Brasil

Ano	Valor (US\$ FOB)	Quantun (t)	Preço médio (US\$/t)
2002	3.031.983.963	15.970.002	189,9
2003	4.290.442.927	19.890.466	215,7
2004	5.394.906.561	19.247.689	280,3
2005	5.345.047.155	22.435.071	238,2
2006	5.663.424.043	24.957.973	226,9
2007	6.709.381.085	23.733.775	282,7
2008	10.952.196.541	24.499.490	447,0
2009	11.424.282.738	28.562.705	400,0
2010*	10.897.041.477	28.780.550	378,6

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do MDIC (*) Acumulado entre janeiro e novembro.

Mesmo com um aumento da quantidade ofertada pelo Brasil durante o período aqui exposto, verifica-se ao final do período um preço médio bem mais favorável para o mercado interno. Este preço médio alcançou seu recorde em 2008, principalmente em detrimento da queda da oferta mundial para este ano e sofreu queda nos dois anos seguintes, que pode estar ligado ao aumento da oferta brasileira na quantidade. Vale ressaltar que o nosso estoque de soja alcançara seu menor índice no ano de 2008(Conab, 2010).

3.3 Efeitos Cambiais e do Crescimento da Renda Mundial: Efeito China

Esse crescimento acelerado das exportações agrícolas nos últimos anos é superior ao encontrado nos demais setores da economia, apesar de positivo tem gerado preocupações. Se por um lado, o aumento das exportações desloca a restrição externa, possibilita o aumento das importações de maquinário e equipamentos que irão viabilizar a indústria em geral, por outro, a mudança relativa na pauta de exportações em direção a produtos com menor valor agregado, com baixa elasticidade renda e que está mais sujeito à variação dos preços e demanda internacionais, bem como a mudanças climáticas inesperadas, tornam o segmento e a economia em geral mais sujeitos a choques externos.

A ligação entre a taxa de câmbio e as exportações agrícolas tem sido discutida ao longo dos anos, no que se refere à forma com que as exportações da agricultura vêm condicionando a dinâmica econômica do Brasil no período recente, inclusive com influência sobre a taxa de câmbio.

A Sociedade Rural Brasileira (SRB) divulgou recentemente um estudo sobre o impacto da valorização cambial no agronegócio e na economia brasileira. O real obteve uma valorização de 32% frente ao dólar entre dezembro de 2008 até setembro de 2010. O euro, por sua vez, registrou uma valorização de cerca de 8% em relação à moeda americana no mesmo período.

Com a volatilidade cambial maior na taxa de troca entre reais e dólares do que entre outras moedas, as exportações agropecuárias brasileiras, especialmente, as *commodities*, cujo fator preço é preponderante e a taxa de câmbio é fundamental, vêm sofrendo perdas de competitividade e rentabilidade. Isso foi argumentado pelo presidente da SRB, Cesário Ramalho da Silva: “A apreciação cambial (real excessivamente valorizado frente ao dólar) impacta brutalmente o produto rural brasileiro e, se nada for feito em relação ao câmbio, o endividamento rural se agravará”.

Nessa mesma linha, o Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, João Sampaio, afirmou que: “um dos grandes problemas na questão cambial é que ainda temos juros muito altos, que atrai ao capital especulativo interessado em alta e rápida rentabilidade”.

Como consequência da valorização cambial, o preço médio da saca de soja (60 kg) cotada na bolsa de Chicago em setembro de 2008 estava na casa dos US\$ 20,60. Levando-se em conta a taxa de câmbio média de dezembro de 2008 (R\$ 2,40 / US\$) a

importação por um país de uma saca de soja brasileira custaria US\$ 8,60, ao passo que em setembro de 2010, quando a taxa de câmbio média ficou em R\$ 1,82/US\$, a mesma saca de soja custaria ao importador US\$ 11,30 (Cesário Ramalho da Silva).

No caso do sojicultor, a queda de rentabilidade seria de 24,2%, uma vez que em dezembro de 2008 (R\$2,40/US\$) e em setembro de 2010 (R\$ 1,82/US\$).

No caso da soja, mesmo com a perda de rentabilidade registrada entre dezembro de 2008 e agosto último, a margem de lucro ainda se mantém positiva, com os preços de comercialização ainda sendo superiores aos custos de produção, fazendo com que a taxa de câmbio, em si, não seja motivo de preocupação, mas sim sua tendência definida de valorização, o que pode afetar diretamente a capacidade produtiva do setor.

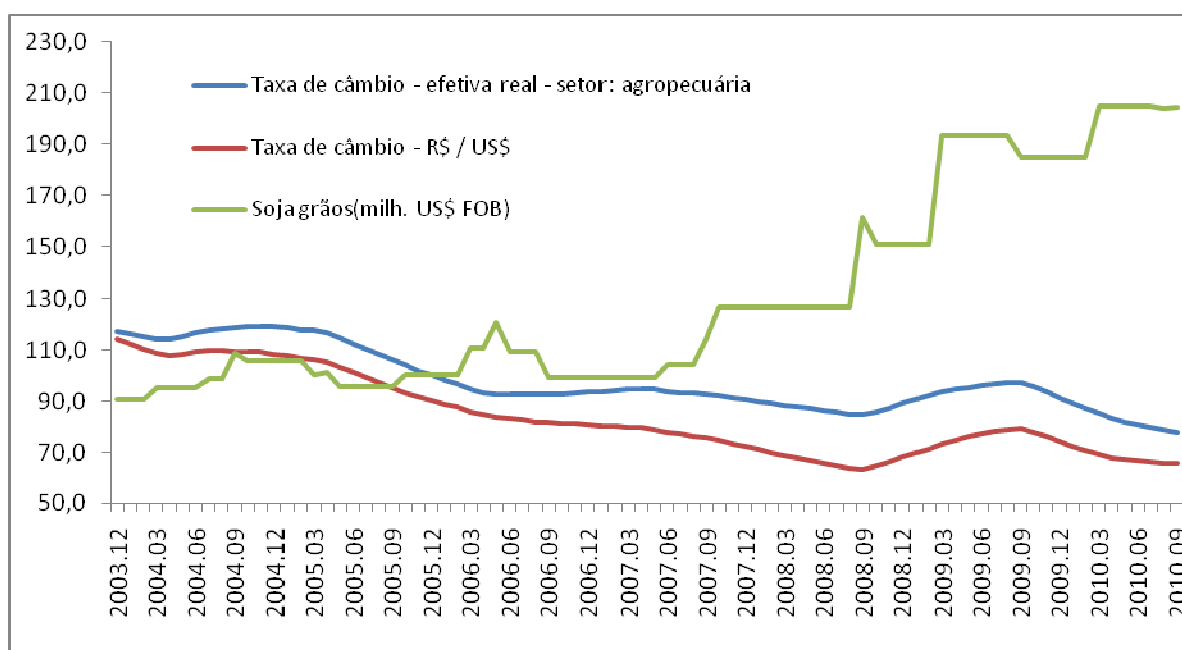
Além da perda de rentabilidade e competitividade, com um processo de valorização cambial contínuo, ocorre o barateamento dos produtos importados. Com isso, os produtos nacionais apresentam uma redução de margem de comercialização tanto no mercado interno quanto no mercado global. Por outro lado, a remuneração aos produtores rurais, pela indústria, também tende a diminuir, gerando um processo de perda de capacidade de crescimento de um setor que representa mais de 26% do PIB nacional, ressaltou o presidente da SRB, Cesário Ramalho.

A soja, como qualquer outra *commoditie*, de exportação, sofre diretamente com as oscilações da moeda e os preços internacionais. A super-safra que se avizinha (Brasil, Argentina, Estados Unidos) fará com que ocorra uma oferta gigantesca do produto, criando um cenário baixista para as cotações da oleaginosa na Bolsa de Chicago, que é referência de preços mundiais, mostrando assim uma fonte de choques.

A despeito da enorme valorização cambial em todo o período analisado, observou-se também expressivo crescimento das exportações brasileiras de soja em grãos. Segundo Gonçalves (1998) e Barbosa (2001) a valorização cambial e sua persistência poderiam ter provocado perda de dinamismo das exportações por duas vias. A primeira delas, apontada por Gonçalves (1998), e a mais comum, é o fato de que a valorização cambial encarece as exportações, tornando-as menos competitivas. O segundo argumento, apresentado por Barbosa (2001), é relativo à resposta da persistência de um nível de taxa de câmbio pouco competitivo e sustentado por demasiado. O autor argumenta que a persistência do câmbio valorizado acaba levando o país a se especializar naquilo que já tem vantagens competitivas, uma vez que o câmbio valorizado inviabiliza o país de ganhar competitividade naqueles produtos, os quais já se encontram em alto grau de competitividade.

No entanto, analisando os indicadores macroeconômicos selecionados e os dados do FMI, MDIC e USDA, notadamente verificamos que ao contrário do que prevê a teoria econômica, o câmbio se valorizou durante todo o período analisado e, concomitante a isso, verificou-se, como mostrado, uma melhora no desempenho da exportação brasileira de soja em grãos. As exportações seguiram uma trajetória de crescimento durante todo o período, mesmo com a apreciação do câmbio real e nominal.

Gráfico 10 – Evolução da Soja em Grãos Comparada a Taxa de Câmbio.

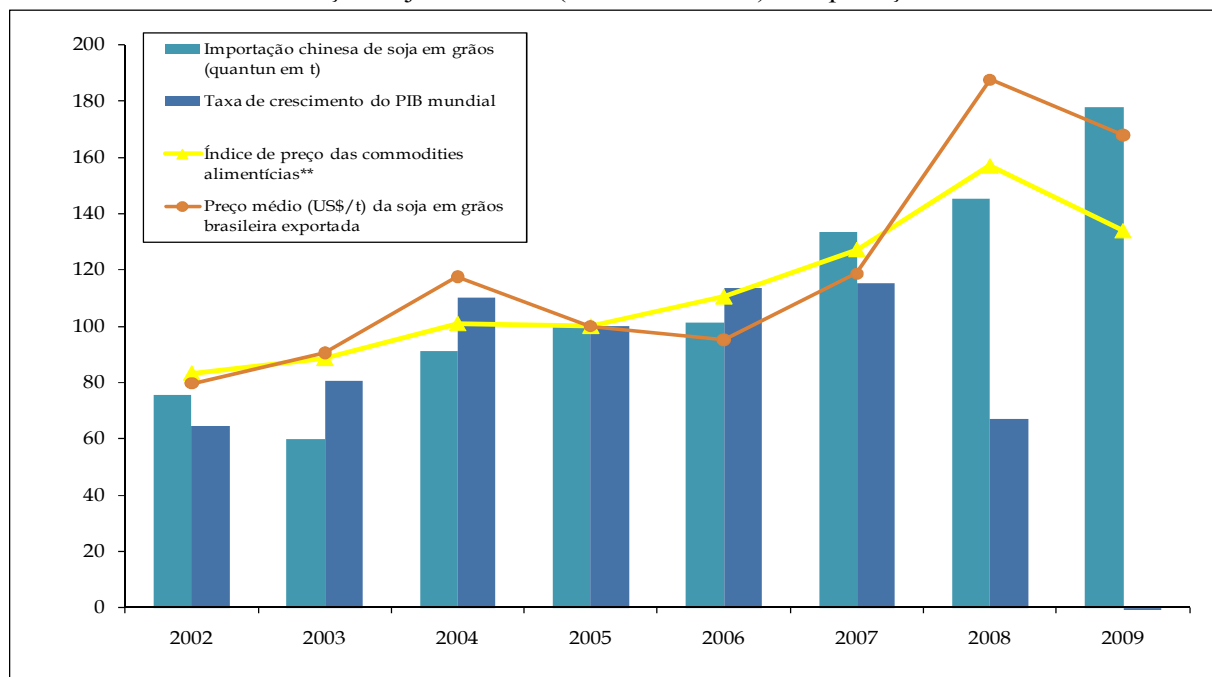


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do FMI, MDIC e USDA.

Para melhor compreendermos a dinâmica do crescimento das exportações brasileiras de soja em grãos, mesmo com o câmbio tão desfavorável, deve-se recorrer ao desempenho Chinês, principal destino das exportações brasileiras da soja em grãos. Assim o que explica essas elevadas taxas tanto nos preços médios da soja em grãos, quanto no volume total exportado, é o crescimento da demanda mundial, particularmente do gigante consumidor que a China se consolidou e se consolida cada vez mais.

A China ao longo do período estudado vem aumentando significativamente sua parcela na quantidade importada de nossa principal *commoditie*, a soja em grãos.

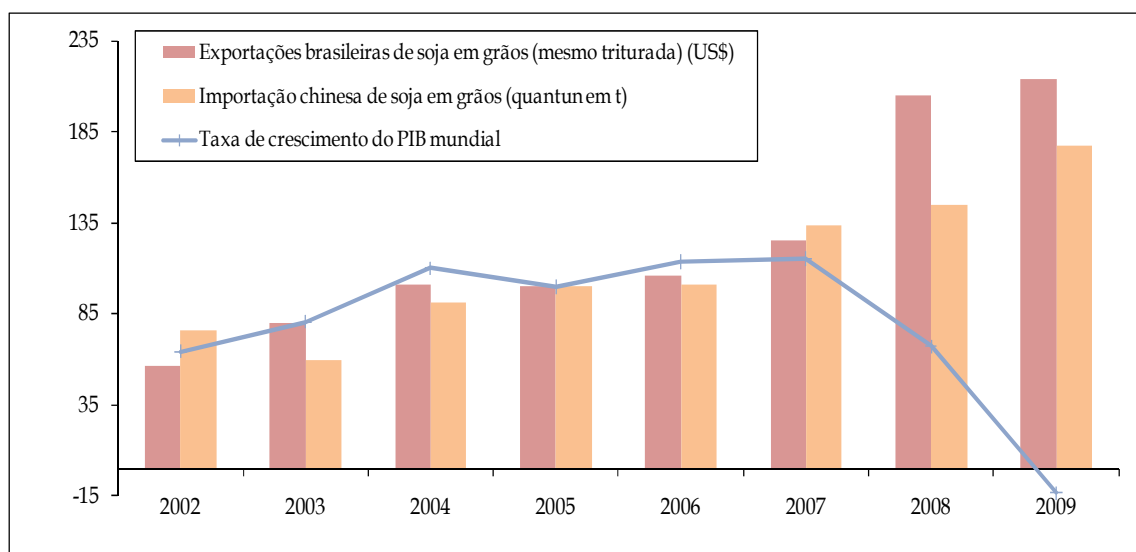
Gráfico 11 – Evolução Soja em Grãos (mesmo triturada) x Importação China



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do MDIC (*) Acumulado entre Jan/Nov.

As importações chinesas de soja em grãos significam hoje cerca de 60% das importações mundiais do produto. Associado a um crescimento médio extraordinário da economia chinesa nos últimos 30 anos, pode-se atribuir ao “efeito china” grande parte do desempenho recente das exportações brasileiras de soja, mesmo diante do câmbio desfavorável. No gráfico abaixo veremos o efeito do crescimento das exportações brasileiras puxadas pelo crescimento mundial até o ano de 2007, e pela China, que teve papel determinante em todo o período.

Gráfico 12 – Evolução Exportações Brasileiras de Soja em Grãos x Importação China x PIB Mundial.



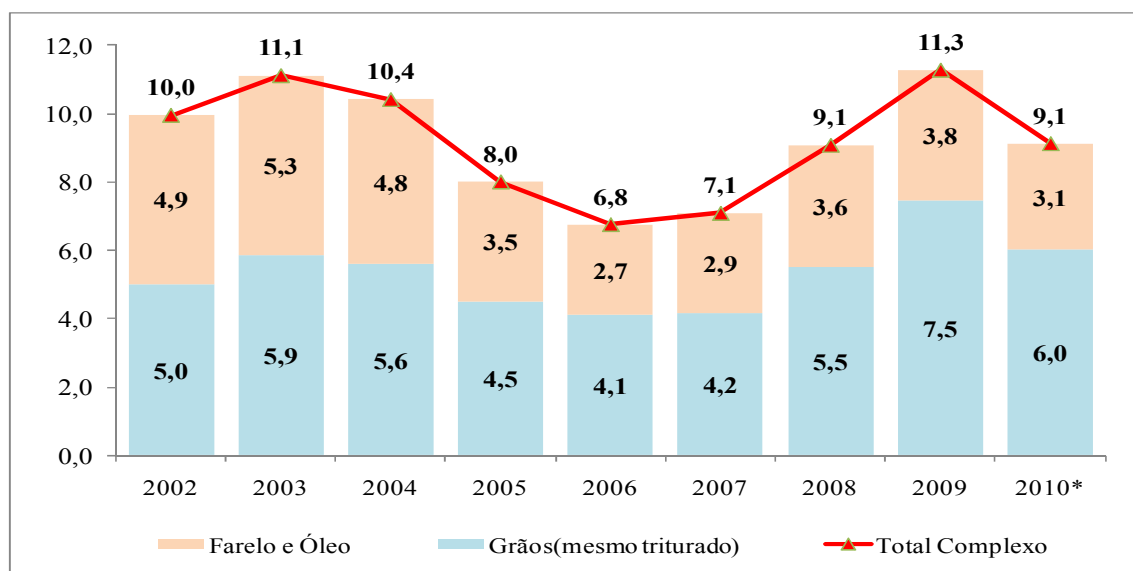
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do FMI, MDIC e USDA.

Por fim, voltarei muito rapidamente, a análise da composição das exportações brasileiras dentro do complexo soja, veremos sua participação relativa no total das exportações. Note que 10% era a parcela representativa das exportações totais do complexo soja brasileiro em 2002 e passou a representar 11,3% do total exportado em 2009, mostrando que do total exportado na última década, um fatia maior é hoje representada pelo complexo soja.

Descendo um pouco mais na análise, pode-se observar que a participação relativa da soja em grãos aumenta em relação aos demais produtos do complexo, de tal modo que esse produto que representava 5,0% da pauta de exportações brasileiras em 2003 passou a representar em 2009 7,5%, comprimindo a participação dos produtos com maior valor agregado como farelo e óleo.

Como participação do complexo de soja brasileira está em evidência, frente ao cenário mundial, e o nosso produto na maneira de *commodities*, por ter grande aceitação no cenário internacional, por se tratar de um produto primário, isento de cobrança de ICMS sobre exportação, vê-se a exportação dos grãos de soja em níveis superiores ao de óleo ou farelo de soja.

Gráfico 13 – Participação das Exportações do Complexo Soja: Grãos, Óleo/Farelo - Brasil



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do MDIC (*) Acumulado entre Jan/Nov.

Sem dúvidas, o crescimento das exportações é relevante para uma economia com o perfil da economia brasileira, com algum grau de desenvolvimento, mas não necessariamente desenvolvida e que não possui moeda aceita internacionalmente. Sendo

assim, o crescimento das exportações fornece divisas capazes de deslocar a restrição externa que essas economias estão sujeitas de tempos em tempos. Prebisch (2000), que já no passado nos alertou sobre os riscos dessa forma de inserção internacional para as economias latinas americanas, tem como argumento básico a elasticidades preço e renda das exportações e importações.

Produtos agrícolas e com baixo valor agregado, possuem também, via de regra, baixa elasticidade de renda nas exportações, implicando que o crescimento da renda mundial, ainda que venha acompanhado do aumento do consumo desse tipo de bem, esse crescimento se esgota com o tempo.

Assim sendo, é preciso cautela ao se afirmar sobre os benefícios do crescimento das exportações brasileiras, particularmente das exportações de soja em grãos, pois o que se tem notado é o aumento das exportações atrelado a mudanças na participação relativa em direção ao produto com menor valor agregado no interior no complexo.

CONCLUSÃO

Procurou-se ao longo desta monografia apresentar a evolução da produção e das exportações de soja no Brasil, no período compreendido entre 2002 a 2010. Para tanto, em primeiro lugar realizamos um histórico do mercado de soja no Brasil, destacando o processo de introdução da soja no país, bem como as características gerais do seu cultivo. Um dos elementos que mereceu destaque foi o fato de que a expansão espacial da cultura da soja se deu de maneira diferenciada pelo território brasileiro, sendo possível identificar as regiões produtoras como: região Centro Oeste e Minas Gerais (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais), Tradicional (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo), região Nordeste (Bahia, Maranhão e Piauí), e região Norte (Tocantins, Rondônia e Pará).

Argumentou-se também que os incentivos oferecidos pelas políticas agrícolas desde a década de 70, onde naquela época já beneficiavam as culturas que podiam ser internamente processadas e apresentavam uma alta demanda externa, foi de suma importância para o desenvolvimento da cultura da soja no Brasil. Vale ressaltar que o cultivo e manejo da soja tornaram-se ao longo do período aqui exposto, o principal produto agrícola no PIB nacional.

Além disso, mostrou-se a evolução do mercado mundial de soja entre 2002 e 2010, destacando o crescimento da produção e da exportação do complexo soja de 33,60% e de 47,40%, respectivamente. Nesse mesmo período observou-se ainda que o Brasil assegurasse sua posição de segundo maior produtor e exportador mundial de soja em grãos, com uma participação estável em torno de 26% e de 32%, respectivamente.

É preciso destacar ainda o forte crescimento das importações de soja em grãos chinesas que passou de 34% em 2002/03 para mais de 57% em 2009/10 do total das importações mundiais, mesmo sendo este país um dos cinco maiores produtores de soja do mundo.

Por fim, buscou-se compreender a evolução das exportações brasileira de soja à luz dos condicionantes macroeconômicos (câmbio e crescimento mundial). Observamos que a variável que mais influenciou essa evolução foi o crescimento da renda mundial,

mas notadamente o crescimento da demanda chinesa, principal destino de nossas exportações.

Quanto ao aspecto cambial, verificou-se que mesmo com forte valorização durante todo o período analisado, as exportações obtiveram extraordinário desempenho. Dessa forma, o “efeito China” teve relevante papel na dinâmica recente das exportações brasileiras de soja em grãos.

A demanda mundial vem em ascendência. Para a safra de 2010/11 consumo deve aumentar, favorecendo o cultivo e manejo da oleaginosa. A China principal consumidora da soja aumenta seu volume de importações a cada safra.

O Brasil se depara com um ambiente favorável para o aumento na produção e nas exportações da soja brasileira, já que nos últimos anos o Brasil estreita laços e encontra no gigante China um consumidor em potencial.

O Brasil é competitivo na produção e industrialização da soja, mas notadamente que nos últimos anos a exportação do produto na maneira de *commodities*, causa certo motivo de apreensão, pelo fato de possuir um menor valor agregado.

BIBLIOGRAFIA

ABIOVE. Associação Brasileira das Indústrias de Óleo Vegetais, disponível em: <www.abiove.com.br> Acesso em: 10 de junho de 2010. Às 18:20hs.

AGRIANUAL. Anuário Estatístico da Agricultura Brasileira – São Paulo SP: FNP Consultoria e Comércio, 1998, 1999 e 2001.

BARBOSA FILHO, N. H. . The balance-of-payments constraint: from balanced trade to sustainable debt. Banca Nazionale Del Lavoro Quarterly Review, n. 219, p. 381-399, 2001.

BERTRAND, *et al.* O Mundo da Soja – São Paulo, 1987, p. 94-95

BNDES. Visão do Desenvolvimento, por André Albuquerque Sant’Anna e Francisco Marcelo Rocha Ferreira – Economistas da Secretaria de Assuntos Econômicos, <<http://www.visao.do.desenvolvimento@bndes.gov.br>> Acesso em: 13 de Maio de 2009. Às 11:05hs.

CARDOSO, C.E.L., Mudanças Estruturais na Agricultura Baiana, Bahia Agrícola, v.2, n.1 p. 58-65 (s/d).

CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA. Perspectivas para 2010/2011, <<http://www.deere.com.br>> Acesso em: 20 de Fevereiro de 2011. Às 10:00hs.

CEPEA. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, disponível em: <www.cepea.esalq.usp.br> Acesso em: 14 de Novembro de 2010. Às 18:30hs.

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento, disponível em: <www.conab.gov.br> Acesso em: 10 de Junho de 2010. Às 19:45hs.

EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, disponível em: <www.embrapa.br> Acesso em: 08 de Outubro de 2009. Às 19:15hs.

EMBRAPA SOJA, Sistemas de Produção, nº1, Londrina, 2000. p.238-248.

GALA, P. Política cambial e macroeconomia do desenvolvimento. Tese de doutorado em Economia. FGV/SP, 2006.

GONÇALVES, R. *et al.* A nova economia internacional: uma perspectiva brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

IPEA. Instituto de Pesquisa Aplicada, disponível em: <www.ipea.gov.br> Acesso em: 14 de Novembro de 2010. Às 18:30hs.

JOSÉ EDWARD. A Planta que Faz Milagre, REVISTA VEJA. Outubro 2003, Edição 1822.

MDIC. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, disponível em: <www.mdic.gov.br> Acesso em: 16 de Novembro de 2010. Às 19:00hs.

MINISTERIO DA AGRICULTURA. Disponível em <www.agricultura.gov.br> Acesso em: 05 de Janeiro de 2011. Às 17:45hs.

MUELLER, C.C. Políticas Governamentais e a Expansão recente da Agropecuária no Centro Oeste, vol 1, nº 3, 1990, p.45-53.

PREBISCH, R. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. In: BIELSCHOWSKY, R. **Cinquenta anos de pensamento na Cepal**, v. 1. Rio de Janeiro: Record, 2000a.

REVISTA RURAL. Os Caminhos da Soja, Março 2005, rev 85. Disponível em <www.revistarural.com.br> Acesso em: 22 de Setembro de 2009. Às 15:40hs.

ROESSING, A. C. GUEDES, L.C.A - Aspectos econômicos do complexo soja, Piracicaba, 1993. p. 1-69.

SAVIO RAFAEL PEREIRA. A Evolução do Complexo Soja e a Questão da Transgenia, REVISTA DE POLÍTICA AGRÍCOLA. Abril/Maio/Junho 2004, ano XIII, nº 2, pag. 26-32.

SILVA, C.R. SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA. Disponível em <www.srb.org.br> Acesso em: 12 de Março de 2011. Às 08:30hs.

SOBER. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Rio Branco – Acre, 20 a 23 de julho de 2008).

SPOLADOR, H. F. S. Reflexões sobre a experiência brasileira de financiamento da agricultura, Piracicaba: ESALQ/USP, 2001.

VINCENT LECLERCQ. Condições e Limites da Inserção do Brasil no Mercado Internacional da Soja, REVISTA DE ECONOMIA POLÍTICA. Julho 1987, vol. 7, nº 3, pag. 135-145.